

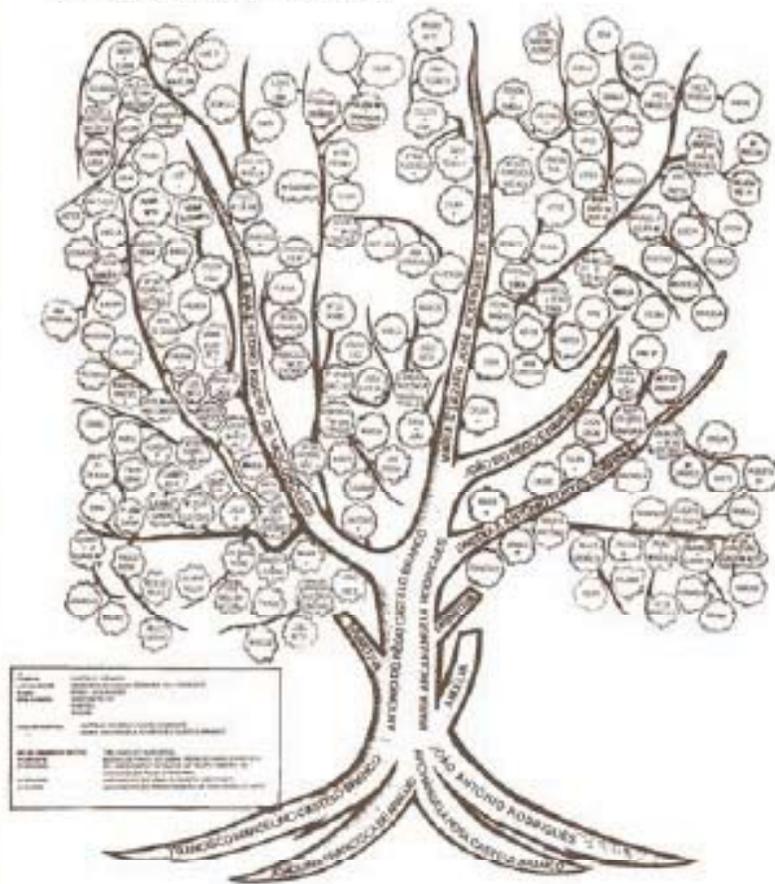
ANEXOS

ANEXO 1

Árvore genealógica da família de Castelo Branco



ARVORE GENEALÓGICA
FAMÍLIA
CASTELLO BRANCO



LEGENDA

Nome completo
Data de nascimento
Data de falecimento
Estado civil
Estado de nascimento
Estado de falecimento
Local de nascimento
Local de falecimento
Profissão
Religião
Observações

EXEMPLO

ANTONIO JOSÉ CASTELO BRANCO
1890-1950
Solteiro
Brasil
Brasil
Cariacica
Cariacica
Agricultor
Católico
Faleceu em acidente de trânsito

ANEXO 2

Álbum de família



Antônia Pires Ferreira – Vó Tunica.



*Os pais de Castelo Branco:
Francisco Ferreira Castelo Branco e
Orminda Pires Castelo Branco.*



*Castelo Branco aos dois anos
de idade, com os pais e
os irmãos, Hiran e Maurício.*



*Castelo Branco com os irmãos,
Ribamar, Hiran e Maurício.*



*Castelo Branco e a esposa,
Norma Florisbal Castelo Branco.*



*Castelo Branco, Dona Norma, a sogra
e os filhos, Hiran, Rennê e Renata.*

ANEXO 3

Viagens de Castelo Branco



*Castelo Branco e Dona Norma em
Veneza – julho de 1972.*



*Castelo Branco em
viagem à Grécia.*

ANEXO 4

Lançamento de livros



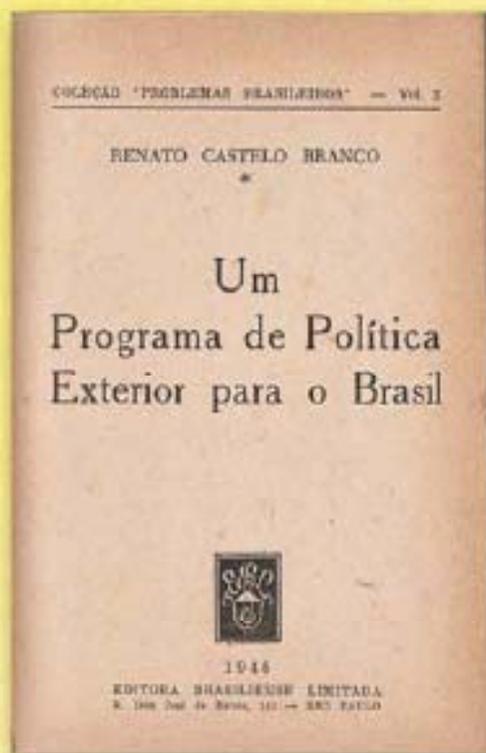
Castelo Branco com Jorge Medauar ,
autografando seu livro
Candango, gagarin, blaiberg e outros poemas.



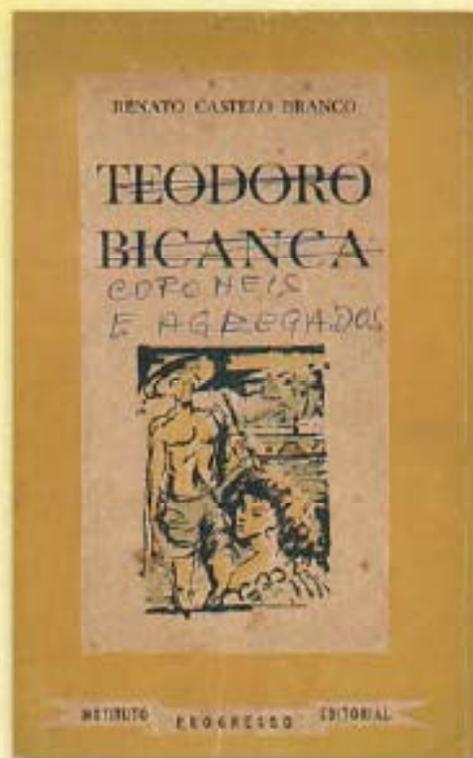
Castelo Branco com amigos, na noite
de autógrafos do livro
Os Castelo Branco d' aquém e d'além-mar.

ANEXO 5

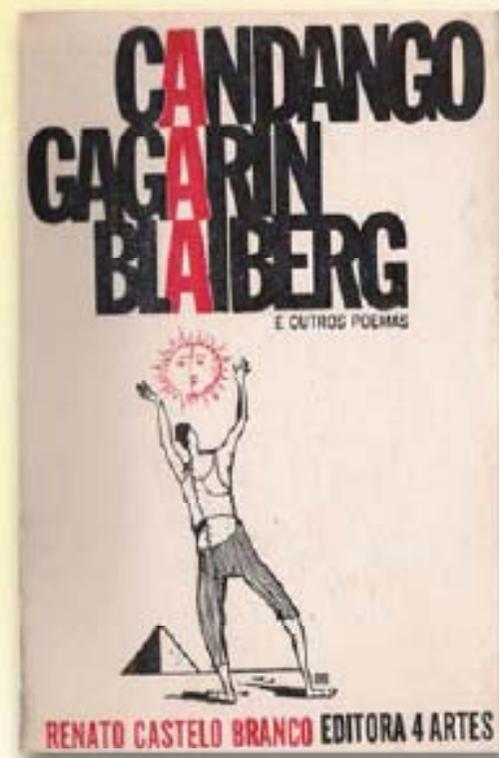
Capas dos livros



Um programa de política exterior para o Brasil,
Editora Brasiliense,
1945.



Teodoro Bicanca,
romance,
Edição Ipê,
1948.



Candango, Gagarin, Blaiberg e outros poemas,
Quatro Artes Editora,
1968.



A janela do céu,
poemas,
Quatro Artes Editora,
1969.



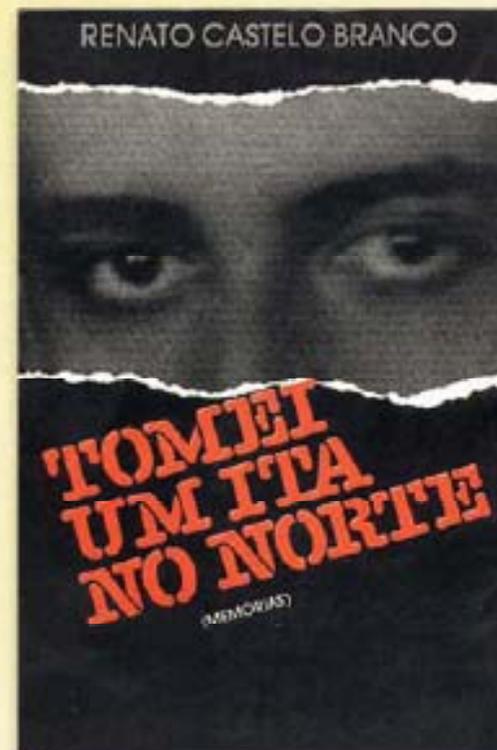
*O Piauí: a terra,
o homem, o meio*
estudo histórico-social
do Piauí,
Quatro Artes Editora,
1970.



Pré-história brasileira
- Fatos & lendas,
ensaio mito-arqueológico,
Quatro Artes Editora,
1971.

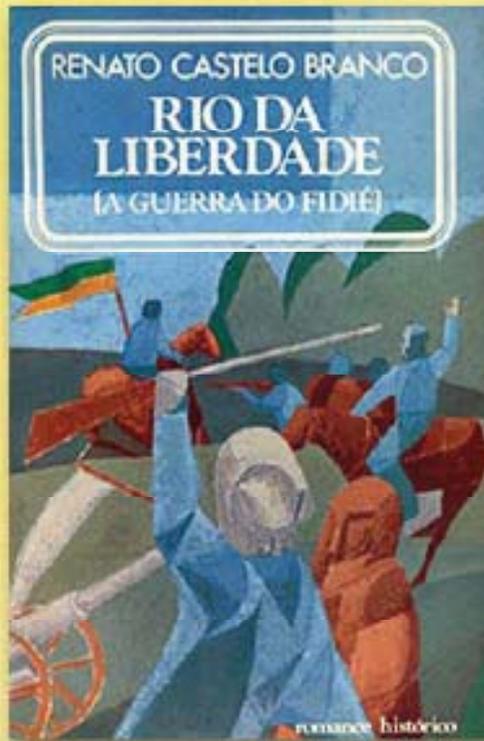


*Os Castelo Branco
d'aquem e d'além-mar,*
estudo histórico-genealógico,
LR Editores,
1980.

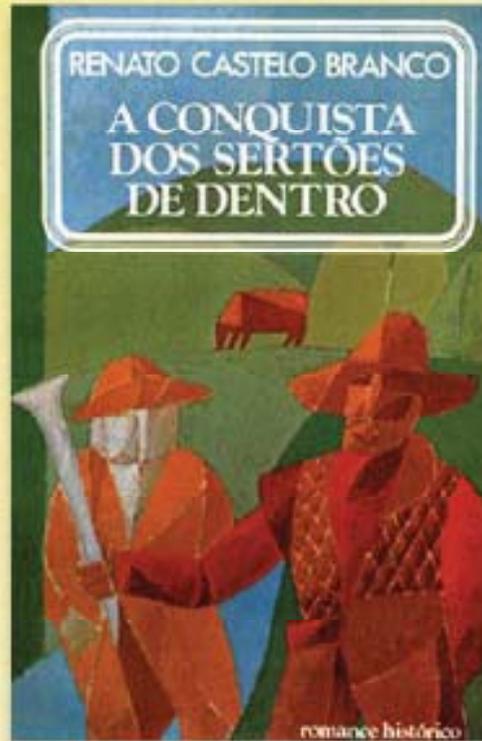


Tomei um Ita no Norte,
memórias,
LR Editores,
1981.

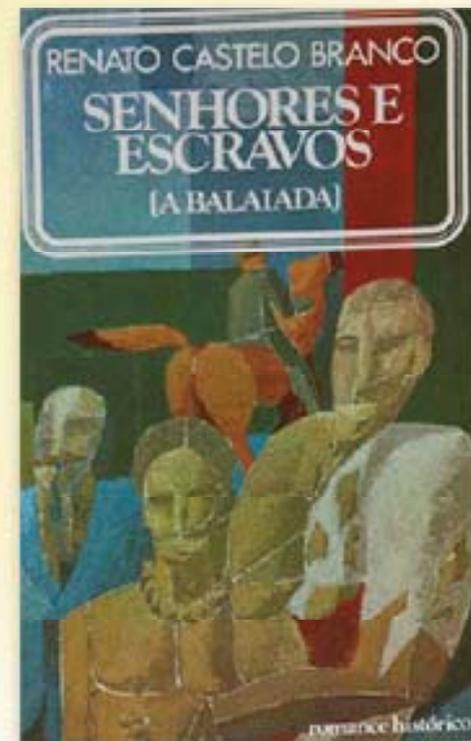
Trilogia do Meio Norte



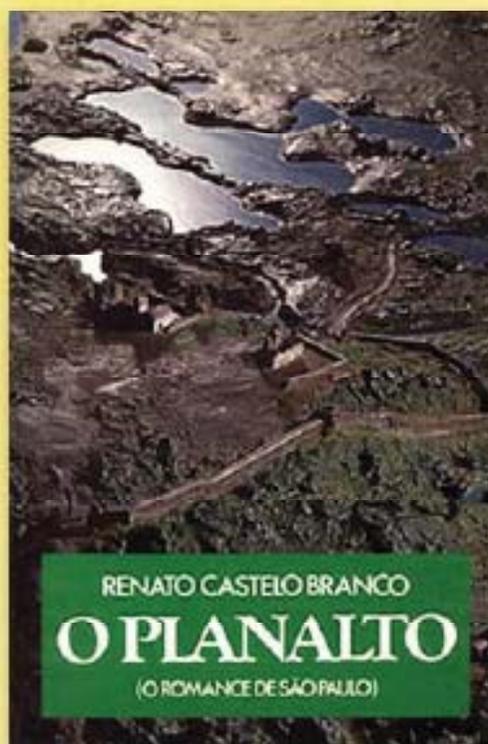
*Rio da liberdade
(a guerra do Fidié),*
romance histórico,
LR Editores,
1982.



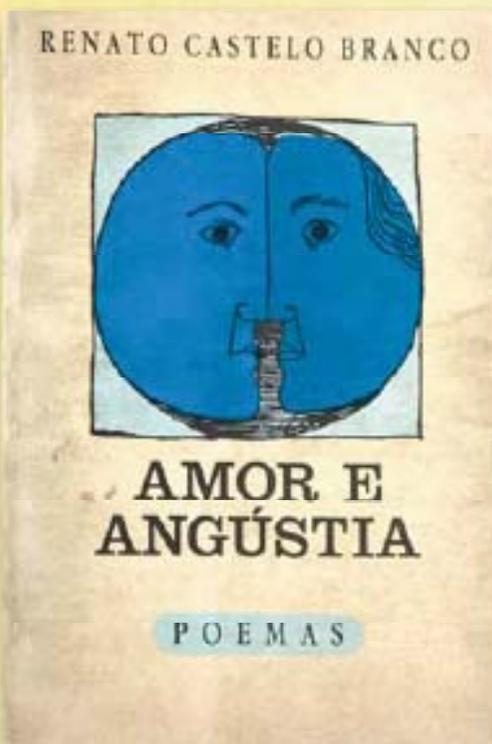
*A conquista dos
sertões de dentro,*
romance histórico,
LR editores,
1983.



Senhores e escravos,
romance histórico,
LR Editores,
1984.



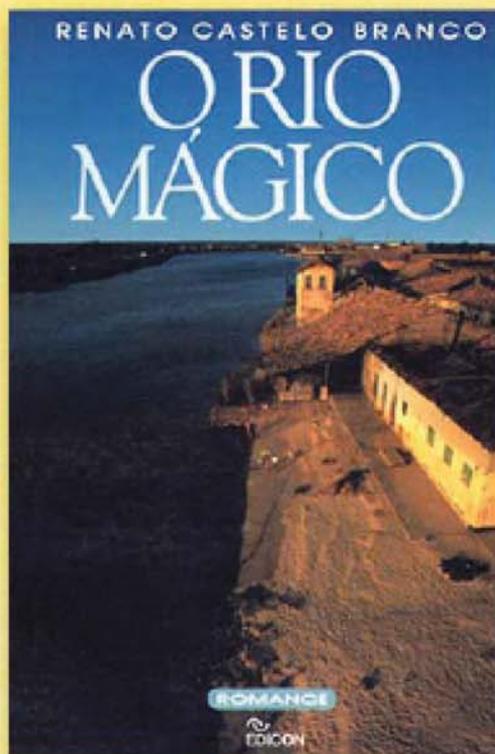
*O planalto,
o romance
de São Paulo,
RR Editores,
1985.*



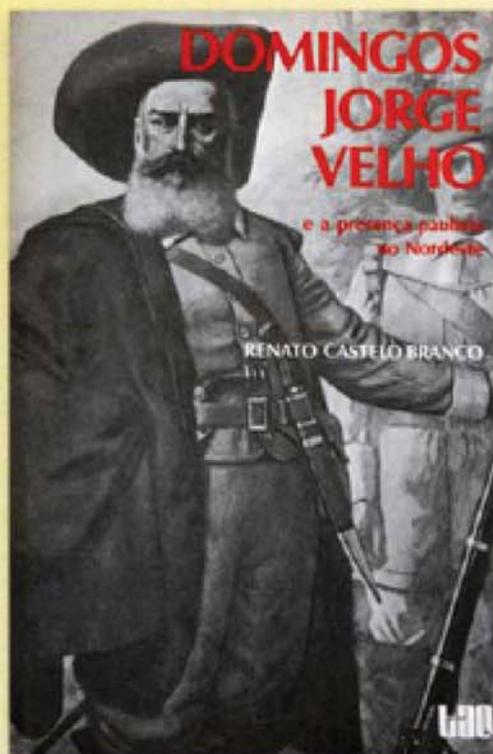
*Amor e angústia,
poemas, RR Editores,
1986.*



*O Anticristo,
poemas,
Edicon Editora,
1987.*



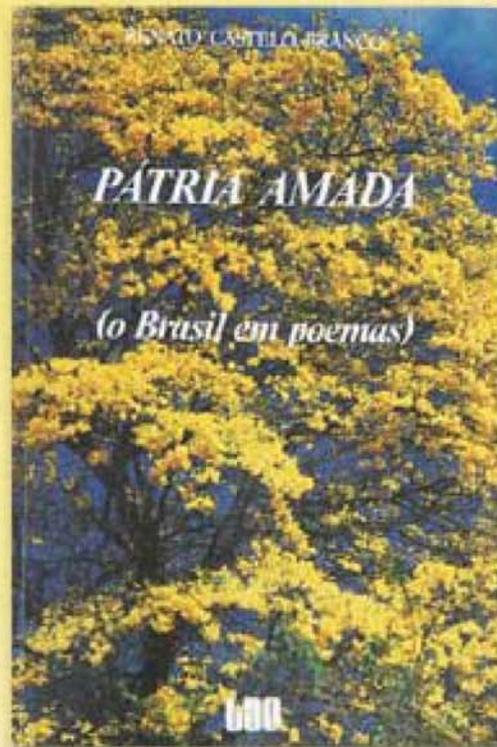
Rio mágico,
romance,
Edicon Editora,
1987.



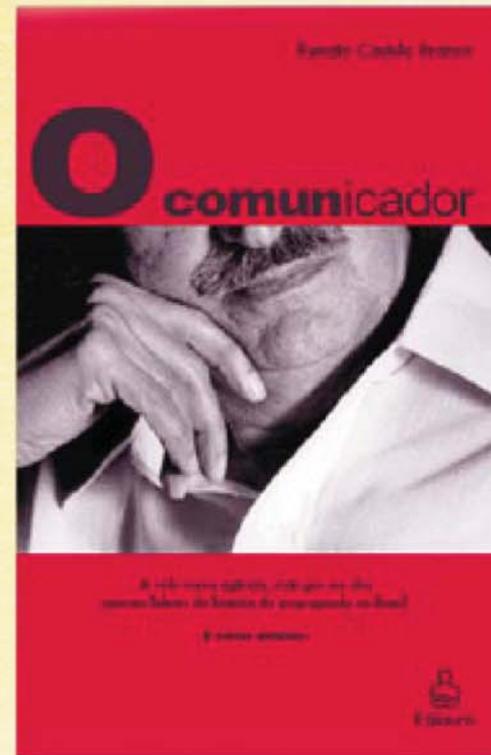
*Domingos Jorge Velho
e a presença paulista
no Nordeste,* T. A. Queiroz,
Editora, 1990.



A Ilha Encantada,
T.A Queiroz
Editora, 1992.



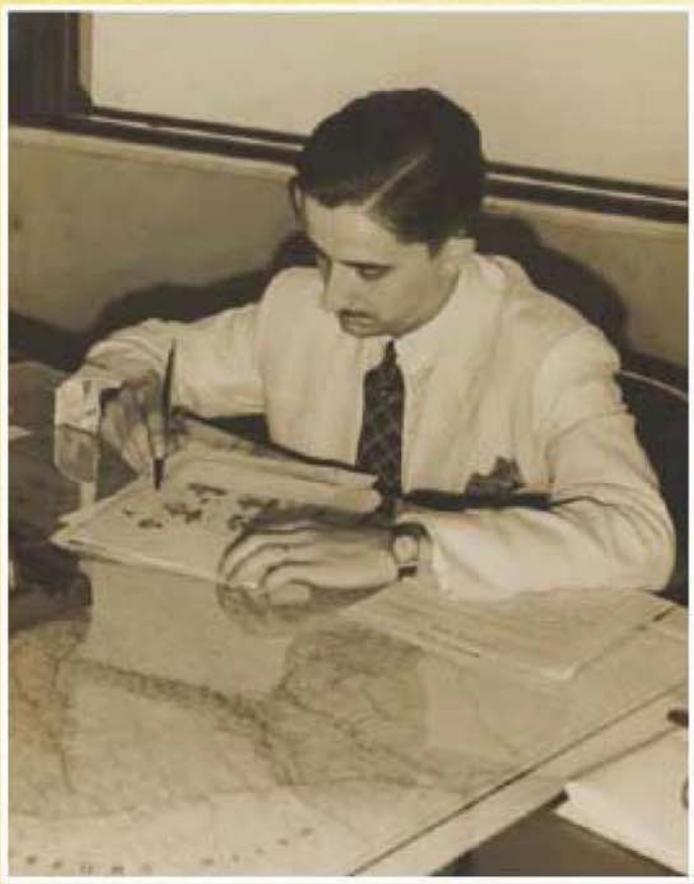
Pátria Amada,
T.A Queiroz
Editora, 1994.



O Comunicador,
Ediouro, 2004.

ANEXO 6

A carreira publicitária



*Castelo Branco em sua mesa
de redator, na J.W.Thompson.*



*Castelo Branco com
Victor Civita,
Presidente da Editora Abril,
1985.*



*Castelo Branco com diretores
e professores da ESPM.*



*A Fundação da CBBA (1971). Os sócios:
Castelo Branco, Wanderley Saldiva,
Hilda Ulbrich Schutzer, Geri Garcia, Dirceu de
Azevedo Borges, Roberto Palmari.*

ANEXO 7

Campanhas publicitárias

ANEXO 8

Depoimentos



Geri Garcia

“Desde que me foi proposto este depoimento, eu passei a recordar, a refazer a imagem do Castelo, porque nós ficamos, na verdade, dezoito anos sem contato após a venda da CBBA. Nessas últimas noites, eu fui compondo a imagem dele, lembrando e, de repente, começou a surgir a figura dele de uma maneira bastante forte e até luminosa. Porque muitas coisas que eu já tinha esquecido, muitas coisas que eu não percebi na ocasião, começaram a aparecer. Nós tivemos um relacionamento muito amigo, muito de irmão mais velho para irmão mais jovem. Eu gostaria de salientar o prestígio que o Castelo chegou a ter, na trajetória dele como profissional: primeiramente pela capacidade dele, e, em segundo lugar, porque ele também foi uma criatura muito humana. A figura dele emanava uma simpatia muito grande, e ele tinha muita capacidade no que fazia, era muito responsável e conquistou a estima e o respeito de todos os funcionários da Thompson, da CBBA. E dos Clientes.

Ele tratava o principal cliente e a moça que servia o café da mesma maneira, e isso era uma coisa realmente muito forte na personalidade dele, que dava a ele uma aura de pessoa muito especial, e ele era mesmo.

O Castelo era uma pessoa que tinha uma vasta cultura literária, falava inglês, escrevia em inglês porque tinha contato com as multinacionais, mas uma coisa que ele não conseguia era “pensar” em inglês, “só pensava em brasileiro”. Ele era tão imbuído da nossa cultura, das nossas coisas, que ele era talvez um “antropofagista” da comunicação, porque captava tudo que vinha de fora, o que tinha de melhor em termos de exemplo, mas ele digeriria tudo antropofagicamente”.

Geri Garcia



Hilda Ulbrich Schutzer

“O Castelo sempre foi uma pessoa de natureza muito simples. Não era um homem vaidoso nem pretensioso e não fazia distinção entre quem era mais ou menos importante. Para ele, todos eram iguais. Em nossa convivência na JWThompson, o Castelo sempre demonstrou muito respeito pela minha capacidade profissional que ele achava que eu possuía, tendo contribuído muito para isso porque era um conselheiro nato! Quando alguém tinha alguma dúvida sobre um trabalho, alguma atitude a tomar com relação a clientes, sempre o procurava para ouvir a sua opinião. ‘E o que você acha que eu devo fazer, qual deveria ser minha atitude?’

Estamos fazendo aquilo que realmente o cliente precisa? E o Castelo sempre tinha uma orientação muito positiva. Na CBBA, numa conversa informal comigo, ele me disse: ‘Hildinha, eu acho que você já está preparadíssima para assumir a Presidência no meu lugar e eu gostaria que você o fizesse, logo.’ O que você acha? E eu respondi: ‘Castelo, se você está dizendo isso eu não posso dizer ‘não’! Você sabe o que é o melhor para a nossa empresa.’” Dele eu sempre recebi o mais irrestrito apoio. E, como resultado acabei me tornando a primeira mulher a Assumir a Presidência de uma Agência, no Brasil. Tenho muito orgulho disso e sempre repito que devo muito da minha carreira ao Castelo.

O Castelo faz muita falta e deixou o nosso meio cedo demais. Ele ainda teria muito a dar!”

Hilda Ulbrich Schutzer

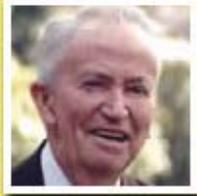
Hiran Castello Branco

“Quando meu pai foi para o Rio de Janeiro, ele era uma pessoa sem posses, embora tenha recebido uma educação primorosa da família dele e, acima de tudo a motivação para que ele se preparasse. Então ele foi estudar Direito numa universidade do Rio de Janeiro. E, como era uma pessoa que gostava de escrever, viu na Propaganda uma oportunidade de ganhar a vida com aquilo que ele gostava de fazer, que era escrever. E foi assim que ele se tornou Redator de Propaganda e começou a longa trajetória dele na profissão de Publicitário.

Eu me lembro de meu pai contar que o sr. Merrick, que o antecedeu na Presidência da J.W. Thompson , foi um chefe de grande referência para ele. E que o ajudou a ter uma visão ética do negócio publicitário. Eu acredito mesmo que isso, a visão ética, foi uma das maiores contribuições que ele, Renato, deixou para o nosso negócio e para a nossa profissão.

Com relação a um dos maiores conflitos da nossa profissão, a acusação de que a Propaganda estimula o consumo num país com tanta pobreza, numa ocasião, comentei com ele a minha angústia de jovem a respeito. Ele então me disse: meu filho, a Propaganda é um legítimo instrumento de promoção do consumo desde que exercida com ética. O que o está incomodando não é o que você está fazendo, mas o que você está deixando de fazer. Use o que você sabe para contribuir com a Comunidade. A partir dali, e que aqui vai uma lembrança, ajudado pela Christina, na época colega de trabalho: passei a fazer campanhas como a que fizemos na CBBA para o CVV – Centro de Valorização da Vida”.

Hiran Castello Branco



Maurício Castelo Branco

“Nós, os quatro irmãos, viemos para o Rio de Janeiro para estudar. Eu ia fazer o concurso para a Escola Militar do Realengo, e o Renato ia para a Faculdade de Direito. Isso foi em 1933, década de grandes acontecimentos históricos em nosso País: a Revolução de 1930 que pretendia acabar com as oligarquias, a Intentona Comunista de 1935 e, em seguida, em 1937, a decretação do Estado Novo por Getúlio Vargas. Em 1939 teve início a II Guerra Mundial, dividindo o mundo entre o Socialismo e o Nazi-Fascismo, tema que apaixonava os estudantes na Faculdade de Direito.

Renato e eu tínhamos idéias diferentes, eu entrei para o Exército, não tinha inclinações políticas, e o Renato se dizia um liberal de esquerda.

Freqüentando o Curso de Direito, o Renato começou a falar no Centro Acadêmico e escreveu a poesia revolucionária “O Estouro da Boiada” em que ele fazia uma analogia entre o estouro de uma boiada e a revolta do proletariado mundial. Ele trabalhava como datilógrafo na empresa “A Propriedade” do Conde Modesto Leal, seu primeiro emprego, para poder pagar os estudos. Quando o Conde leu aquela poesia subversiva, mandou demitir imediatamente o Renato.

Dias depois, ele viu um anúncio classificado da N.W. Ayer, uma das primeiras agências de publicidade americanas a chegar ao País e que estava procurando um assistente de redator. O candidato deveria apresentar uma composição literária. Renato apresentou a tal poesia e, por um capricho da sorte, foi escolhido como assistente do escritor e redator publicitário Orígenes Lessa. E foi assim que começou uma das mais brilhantes carreiras de publicitário.”

Maurício Castelo Branco



Norma Castello Branco

Dona Norma, dirigindo-se aos filhos Hiran, Renée e Renata:

“Conheci o Renato da seguinte maneira. Minha mãe tinha uma pensão no Catete, Rio de Janeiro, onde moravam estudantes nordestinos. Eu já conhecia os irmãos dele, Hiran, Maurício e Ribamar. Foi a minha mãe que me disse: ‘Norma, venha aqui que eu quero te apresentar um outro irmão do Maurício. Renée: ‘E aí, quando a senhora olhou pra ele, aconteceu o que? Caiu dura?’ Norma : ‘Não, não caí dura, apenas fiquei chateada comigo mesma porque o meu cabelo não estava lá muito apresentável’...

Renato sempre ajudou na criação de vocês. Vocês imaginem, há quase 60 anos, trocava as fraldas dos filhos, coisa que raríssimos pais faziam naquela época.

O pai de vocês sempre gostou de levar vocês para conhecer tudo. Balé, teatro, ópera, tudo que era possível. Ele dizia, “quer estudar violão? Então estuda. Piano? Quer experimentar pintar? Então pinta. Quer fazer cerâmica? Tudo bem. Para ver se vocês tinham interesse por alguma coisa diferente.

Explicando a influência de Dona Ormindá, pessoa extraordinária, mãe de Renato Castello Branco, na formação de seu caráter:

‘Dona Ormindá era uma pessoa muito honesta, de uma retidão muito grande, todos tínhamos grande admiração por ela. Era uma figura muito forte. Acho que todos os filhos tinham muito orgulho dela e herdaram isso tudo dela.

Resumindo, o pai de vocês foi uma pessoa muito bacana mesmo, tinha a mente aberta.

Foi um companheiro maravilhoso.

O melhor amigo que tive.”

Norma Castello Branco

Renata Castello Branco

“Uma coisa sempre me chamou a atenção e remete à infância de meu pai. Existe no Piauí uma praia chamada Pedra do Sal, distante uns 15 quilômetros do local onde papai morava, na cidade de Parnaíba e que hoje, com a estrada asfaltada, atravessando algumas dunas, você chega rapidamente de carro.

Bem, quando papai era criança, ele ia de jegue até a Praia Pedra do Sal.

E eu hoje fico imaginando como uma pessoa que naqueles tempos, começo dos anos 20 do século passado, alguém que andava de jegue, veio parar aqui e fez tudo o que fez. Acho isso uma coisa fantástica.

Eu achava que ele queria ser escritor. Ele tinha publicado aquele primeiro livro aos 20 anos de idade – Teodoro Bicanca, romance de cunho social e que causou uma polêmica na família porque descreveu certas coisas da família.

Havia também um outro lado do papai. A gente sempre o julgava um ser mais racional, e, durante um período, ele até foi agnóstico. Mas ele tinha uma mente aberta para reconhecer a força de várias outras crenças.

Ele era também muito afetuoso e carinhoso conosco, quando éramos crianças.

Por exemplo, ele cantava para nós a seguinte canção de ninar:

“sua voz sonora é de flauta rachada/ os seus olhos tão bonitos e catitos/ são de cobra danada/ seus cabelos negros são de espeta caju/ querida, vem ouvir essa chula boca de sapo cururu.

Era isso!”

Renata Castello Branco

Renato Perracini

Rua Boa Vista, 51, esquina com o Pátio do Colégio, quase quarenta anos atrás.

Um prédio solene, de fachada curva e elegante. Lambris de madeira escura no *hall* e nos elevadores. No quarto andar, um ambiente arejado, com móveis claros e modernos.

– O sr. Castelo já vai atender você. Aceita um café?

Ali estava eu, vinte e poucos anos, a pique de conhecer a pessoa que mudaria o rumo de minha vida profissional. Já havia sido entrevistado pelo segundo homem da famosíssima J. Walter Thompson Publicidade, o José Kfuri, que me convencera a trocar o posto de editor técnico da revista Quatro Rodas pelo desafiante cargo de redator da mais importante conta da casa. Agora iria conhecer o Senhor Castelo, presidente da Agência, um respeitabilíssimo paradigma entre os publicitários.

Mas, pessoalmente, Renato Castelo Branco nada tinha de pomposo – e muito menos de inexpugnável. Alto, moreno, de olhos grandes, bigode e cabelos rebeldes, era educado e cortês como um *gentleman*. Mas comunicativo e amigoso como um velho colega de escola. De formal, apenas o terno azul-marinho.

Foi um encontro inesquecível. Apesar das enormes diferenças de vivência – Castelo tinha quase o dobro da minha idade – ele me fez sentir familiarmente à vontade e logo estávamos conversando de igual para igual, descobrindo afinidades, desde o prenome, à graduação em Direito e à formação eclética até nossa comum compulsão pela pesquisa histórica, pela arqueologia, pelos mistérios das conquistas e da comunicação humana – de ontem, de então e do futuro. E também pelos automóveis antigos, cuja descoberta e restauração, me compensavam pela falta

de uma consciência arqueológica no Brasil – que Castelo haveria de inaugurar mais tarde em seu estado natal, o Piauí, hoje um dos mais importantes sítios arqueológicos mundiais.

É claro que falamos também do trabalho. Dos impasses criados pelo gerente de propaganda de um dos principais clientes da Agência. Da expectativa de que eu contribuísse decisivamente para solucioná-los, combinando minha cultura automobilística com um ingrediente recém-inventado pelos publicitários: a criatividade.

E foi assim, animado pela confiança daquele profissional experiente, e disposto a imitar aquela genial figura humana, que me atirei à nova vida publicitária. Primeiro, criando as campanhas e ajudando a vendê-las ao Cliente, neutralizando técnica e politicamente as objeções do seu malicioso gerente. Depois, também graças à infalível intuição de Castelo, passando para o Atendimento, o Planejamento e a Supervisão de Contas.

Talento meu? Nem tanto. Apenas adequação e integração humana e profissional à maravilhosa vanguarda formada e regida por Castelo, com nomes antológicos como José Kfuri, Eric Nice, James “Jimmy” Abercrombie, Gery Garcia, Cláudio Aidar, Hilda Ulbrich, Haidé Guerisoni, Alfredo Galliano. Julieta de Godoy Ladeira, Manoel Leite, Luizir Blota e tantos outros ícones da florescente publicidade brasileira, ao lado de um animado e disciplinado time de jovens talentosos, como Dirceu Borges, Luiz Fernando Furquim, Heber Monteiro, Clício Barroso, Antonio Leone, Benedito Rui Barbosa, Percy Garnier, Otávio Florisbal, Laura Potenza, Ulrico Purgailis e inúmeros outros, que haveriam de fazer história.

A Thompson daqueles anos sessenta era o Castelo.

O Castelo, multiplicado por uma centena de profissionais preparados, dedicados, entusiasmados, inovadores, criativos. Todos sincronizados numa grandiosa tarefa comum, ao ritmo do

grande mestre, respirando seu exemplo de dignidade, ponderação e ousadia consciente.

Pela Thompson do Castelo, passaram muitos dos profissionais que nacionalizaram, racionalizaram e engrandeceram a publicidade brasileira – inclusive eu, um dos menos importantes.

Mas certamente o mais apaixonado e grato dos discípulos do inesquecível Renato Castelo Branco.

Um mestre do pioneirismo

De sua sala, no quarto andar deste prédio da rua Boa Vista, ao lado do Pátio do Colégio, no centro de São Paulo, Renato Castelo Branco regeu uma das mais vanguardistas – e certamente a mais criativa – das equipes publicitárias brasileiras, que já praticava para seus clientes os conceitos de uma nova disciplina de administração voltada para o mercado, mais tarde generalizada com o nome de Marketing.

Patrão Parceiro

Na Thompson dos anos sessenta não havia duplas de criação. Mas todos criavam e estavam em permanente contato uns com os outros. Este anúncio institucional da Ford foi desenvolvido por mim, o mais jovem dos redatores da casa, praticamente a quatro mãos com ninguém menos que o presidente da Agência, Renato Castelo Branco. Para ele, não havia subordinados mas sim parceiros, igualados na busca pela melhor forma de realizar objetivos.

O anúncio marcou época por sua originalidade: pouco texto e dominância da foto em cores, ocupando a maior parte da página – o que era inédito em anúncios de caminhões. Por isso, foi premiado com a Folha de Ouro, na 1ª Exposição de Arte Publicitária, realizada em 2 de dezembro de 1963, sob o patrocínio da APP -Associação Paulista de Propaganda e do jornal Folha de São Paulo.

Um dado pitoresco de sua produção: a pessoa que posou para a foto de um tranqüilo sábio chinês não era um chinês; era uma chinesa – uma senhora, devidamente maquiada – confirmando que na publicidade, assim como no teatro e no cinema, a ilusão de uma boa imagem é mais realística do que a própria realidade representada. (RP)

Renato Perracini



Renée Castello Branco

“Com relação a essa questão de mente aberta, modernidade, eu penso como meu pai conseguiu ser um pai não ‘troglodita’ para com as suas filhas. Ele conseguiu ir se adaptando apesar de alguns embates pessoais. Chegou uma certa hora em que ele sempre apoiava tudo o que a gente precisava. Lembro-me de uma ocasião especial em que a minha vida tinha virado de cabeça para baixo, tinha me separado, mudado de trabalho. Ele então se virou para mim e falou: minha filha, você está tendo a rara oportunidade e o privilégio de começar a sua vida outra vez. Eu achei isso uma coisa de uma pessoa que está sempre acompanhando os tempos.

Uma outra coisa muito legal é que ele nos transmitiu um sentimento forte de brasilidade que, nos tempos atuais, está emergindo mas que não existia quando éramos pequenos. Ninguém conhecia o Brasil, ninguém conhecia nada que não fosse São Paulo e Rio de Janeiro. Não se sabia o que era um baião, um xaxado, a gente foi ninada com Luiz Gonzaga.

Sobre modernidade, relembro que ele, ao lado de mamãe, educou todos os filhos – homem e mulheres, do mesmo jeito. Todos os três fomos educados para trabalhar, ganhar a vida, algo que não era o padrão da época.

Para finalizar, nunca esqueci de quando, mais uma vez, fui suspensa na escola e entreguei a caderneta para ele assinar e só bem mais tarde ele a devolveu, sem comentários. Tentei explicar-lhe o ocorrido mas ele me disse: eu queria lhe poupar a humilhação de falar sobre esse assunto. Ele não estava brigando comigo, apenas jogou para mim a responsabilidade de entender que eu estava fazendo besteira”.

Renée Castello Branco

Roberto Duailibi

As lembranças que eu tenho do Renato Castelo Branco são as melhores possíveis. Nós tivemos uma convivência muito profissional na Thompson.

Eu era um jovem redator, o Renato já era o próprio símbolo da redação no negócio da propaganda.

O Merrick era o Presidente da Thompson e o Renato era, na época em que eu trabalhei lá, o seu braço direito.

Junto com ele havia profissionais extremamente capazes: o Caio Domingues, a Hilda Ulbrich, o José Kfourri, o Candido Mota Netto, Antonio Bandeira, o Eric Nice, pessoas que fizeram história na propaganda brasileira e com quem eu tive a enorme sorte de trabalhar.

O Renato Castelo Branco naqueles tempos já era uma pessoa consagrada na literatura, escrevia textos com uma habilidade fora do comum, inspirava uma confiança excepcional nos clientes.

Ele era uma pessoa que dava atenção ao jovem, conversava, orientava e, para mim, aquilo correspondia quase a uma grande aula.

Eu acho, inclusive, que ele faz muita falta para o Brasil hoje.

Todos esses momentos, digamos assim, de um homem absolutamente íntegro, de um modelo de tranquilidade, de moderação, de paz mesmo, só nos faz olhar o Renato Castelo Branco como aquilo que ele era e é: um ícone, uma pessoa que a gente deve não apenas lembrar, mas realmente, venerar.

Roberto Duailibi



Rodolfo Lima Martensen

Rodolfo foi o amigo e colega de profissão de mais longa convivência de Renato Castelo Branco. Conheceram-se numa pensão de São Paulo no início da década de 40. Prova dessa amizade duradoura é o fato de que Renato Castelo Branco dedicou seu livro de memórias Tomei um Ita no Norte, de 1981, à sua família e a 4 amigos, dentre eles, Rodolfo Lima Martensen.

O depoimento a seguir foi extraído do prefácio escrito por Rodolfo Lima Martensen para o referido livro.

“Enquanto Renato tomava um Ita no norte, eu pegava um Ara no sul. Nestes atos paralelos, ocorridos nos extremos deste imenso país, a maior diferença talvez estivesse nas companhias de navegação que nos proporcionaram o transporte: os Itas eram do Lloyd e os Aras da Costeira. De resto, quanta semelhança! A idade, os sonhos e o destino. Depois, uma identidade de princípios éticos e de comportamento humano; nossas vidas construindo, dia a dia, uma amizade tranqüila permanente, sem altos e baixos.

As realizações empresariais de Castelo e o seu destacado papel na dignificação e aprimoramento da profissão que abraçou tornam difícil imaginar que, por trás do bem sucedido homem de negócios, esconde-se o poeta sensível e inspirado de A Janela do Céu e Candango, Gagarin e Blaiberg.

Ele tem os pés no chão e a cabeça no infinito”.

Rodolfo Lima Martensen

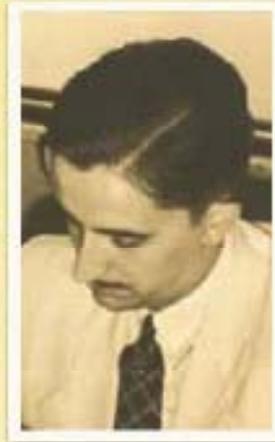
As faces de Castelo Branco.



10 anos



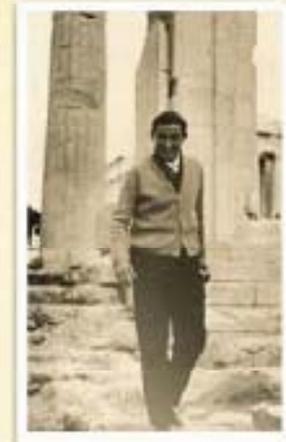
20 anos



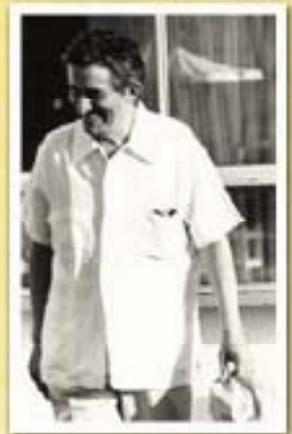
30 anos



40 anos



50 anos



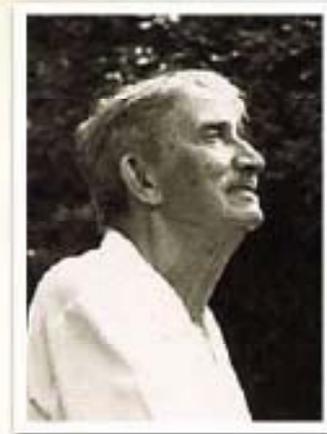
60 anos



70 anos



80 anos



90 anos

ANEXO 9

Documentos do prototexto

Notas do processo de criação

O ESTOURO DA BOIADA

Cilhal, urupêa: Já vistas outra cêna
de menca vida, menca movimento,
de tintas sem vigor e traço fresco?
É um quadro sem valor, bem pouco represente:
passa a boiada, calma, acompanhada
no ritmo da fôrça.
Fesse-lhe o passo. Funde-lhe a cabeça
no peso secular da carga inerte.
É ruda o coração. O cara ro não pensa..
Todas as faculdades se concentram
no estereótipo acoutado.
Parece que se deu a hipertrofia
na boca dessa gente.

Trinta milhões! Um enxerto de brutos,
sem Deus; sem Fô! sem Testoi; sem Pac!
Parece-vos até, de corpo, mamata,
que é congênita toda esta miséria
e esta brutalidade é coisa inata.
São poltroas sem valor, pensais, talvez.
E, enquanto segue, a passo vagaroso,
a boiada dos brutos, sem trabalho,
desfruta-se na dulçura da honra grato.

Que vos importei as dôres dessa gente?
Que nonras-mas, as contorções do fôrça,
e quina-se o café, e o pão, e o trigo!

Tremai, porém, abertas burpresas!
Já vistas o estouro da boiada?
Tremai se a "basta-Jirana" descobrisse
a parte a carga de aço que cingistas
no pescoço do escravo.
Cada um deles é um homem
e cada homem um bravo!

Quando a vaga pojar, quando o valeão extinto
sacancorar a boca de Valcano,
a Terra ha de ruir, na erupção fatal:
é o imenso estolismo,
varrerá, como um monstro, as entranhas do abismo,
do aleijão social!

R. P. Castello Branco.

A poesia
O estouro da boiada.

NOTA DO AUTOR

Estes poemas foram escritos respeitando, rigorosamente,
o pensamento, o estilo, e as próprias palavras de
Guimarães Rosa, ^{inspirador em "Poesias do grande Sertão"} ~~que~~ ^{ver-}
Guimarães Rosa, ~~que~~ ^{ver-}

Meu trabalho consistiu em (1) localizar pensamentos, ima-
gens, frases, com potencial poético; (2) organizar,
(quase diria, montar) com eles mensagens intrinsecamente
românticas, no pensamento, no estilo e na forma, e, final-
mente, (3) metrificá-las e introduzir rimas.

No fim de cada poema assim construído, estão indicadas
as páginas de onde extraí as palavras e frases que o
comparam (2ª. edição da Nova Fronteira).

Se o leitor tiver a paciência de comparar os poemas com
as páginas respectivas, estou certo de que constatará
sua absoluta fidelidade. Só em pouquíssimos casos
utilizei palavras que não constam da obra de Guimarães
Rosa, onde isto foi absolutamente necessário à metrificá-
ção e à rima.

A importante obra de Wylis Calmon Ferreira, "As Sete
Sereias do Longo", trouxe novamente à discussão o livro
de poesias de Guimarães Rosa, até hoje inédito, a despeito
de escrito há 35 anos, livro que, nos dizeres de Henrique
Alves, "O Sagarana em poemas."

Seria pretensioso de minha parte dizer que este livro é
"Crônica Sertão: Verdades" em poemas, dada a grandiosidade da
obra de Guimarães Rosa. Espero, entretanto, com este
trabalho, estar contribuindo para salientar seu extror-
dinar conteúdo poético.

© Autor

Esquema da obra *Poesias do grande Sertão.*

São Paulo, 30 de setembro de 1993.

Prezado Mário Palmério:

A exemplo do que fiz com Guimarães Rosa ("Grande Sertão: Veredas") e com Euclydes da Cunha ("Os Sertões"), estou trabalhando em alguns poemas inspirados em "Vila dos Confins" e "Chapadão do Sucre".

Os anexos são o resultado deste trabalho, que estou ainda tentando melhorar. Gostaria de receber seus comentários e sugestões a respeito.

Creio que você terá interesse em conhecer o método de trabalho que adotei, que resumo a seguir:

1. Li os livros, assinalando as palavras, frases e pensamentos que, para mim, têm maior conteúdo poético.
2. Grupeti estas palavras, frases e pensamentos por assuntos: chuva, vento, Caatinga, piranhas, etc.
3. Montei com elas poemas livres.
4. Introduzi métrica e rimas.

Para sua análise, estou assinalando, em cada poema, as páginas de que extraí material, ainda que nem todas tenham sido utilizadas. V.C. significa "Vila dos Confins". C.S., "Chapadão do Sucre".

O resultado, no caso de Rosa e Euclydes, mereceu comentários positivos da crítica. Espero que os anexos não lhe decepcionem.

Cordialmente,

Renato Castedo Branco.

RCB:ba

Roteiro da obra *Vila dos confins.*

Entrevistas para jornais

A civilização do couro,

de R. F. CASTELO BRANCO, Teresina, 1942.

Vida de São Paulo, somente agora recebo este livro que o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda do F. leal publicou no ano transacto.

É um pequeno livro, mas deixo-se um que o leitor encontra algo de novo no trato de antigos problemas que demandam estudo e soluções decisivas, por isso que entendem bem a terra e a boréem, deles dependendo em grande parte e conhecimento do futuro da sua vasta região do país.

O sr. R. F. Castelo Branco escreveu um trabalho de geociologia da sua terra, isto é, um trabalho no qual se encontram as principais linhas de uma evolução social e econômica em função da geografia brasileira.

Desde cada região do Brasil existirem evidências como esta, capazes de observá-la objetivamente e de indicar essas aos homens de governo extremamente empenhados em buscar com as melhores técnicas de mobilização dos valores geográficos e humanos econômicos e políticos, para o enquadramento das populações que se perdem por essas condições além do sistema deficiente de forças condutoras à felicidade e à prosperidade.

O rio Paraíba, que eu deixo um dia estacionado diante de belos de sua esplanada, e talvez coberto de vegetação, mas haver estado o Baciouá, é um dos grandes rios

tipicamente nacionais porque, à maneira de São Francisco, sua obra culminante de integração territorial e de unidade entre o Norte e o Nordeste. O autor reconhece-lhe uma "alma humana". Descreveu com inspiração poética, ressaltando, aliás, outros pontos que caracterizam

as suas águas as quais espalham pela sertão e levam pelas quebradas pelas varças e chapadas em busca de oxalação.

Chama-o do Rio americano pelas suas petições cheias que renovam a fertilidade do vale plantense. Discorre sobre a imponente cadeia da for do delta, onde chega estendendo pela amplitude do leito e pelo imenso curso através desse vale, que começa "onde termina o planalto central brasileiro".

O autor estuda o fenomeno das cheias e das secas, com influencia na climatologia plantense, discutindo a teoria de Euclides da Cunha sobre as aréncias do Nordeste.

Passa, então, a estudar o homem que domina esse vale e esse rio, destacando a figura do vaqueiro e sua situação. Como se vá citamos a sr. C. Ribeiro, em nenhuma lugar jamais foi tão nitido o caracter de uma civilização; em nenhuma lugar poderíamos encontrar mais definida aquela que Chateaubriand de Abreu chamou "a civilização do couro" — "Mais do que isso — o gado é a própria alma do Piauí".

A presente, esta terra de Cota e Silva;

BAZA

Saúde! O Paraíba - velho motor das barbas brancas alongadas... E (no longo e magido dos bois de minha terra.

Não posso, em que pese o meu interesse pela livro, agulha-á e fim com estes comentários. Dico, por isso, que o estudo do sr. R. F. Castelo Branco é uma das melhores contribuições que se poderiam prestar à geografia humana do Brasil, a sua incipiente sociologia. O autor chega a uma conclusão aparentemente inocente: as populações que, disseminadas, habitam as terras castigadas pelas secas no Piauí, não devem permanecer ali. Cabe sempre desenvolver a grande e definitiva migração para aquela região que o Paraíba adora e fertiliza. "O retorno das florestas para as montes aréncias é uma mancha de energia, de persistência de coragem, mas também de intensidade".

"A civilização do couro" não deve ficar adstrita a uma cidade do D. I. P. brasileira. Precisa ser lida e meditada por quanto se interessam pela solução dos problemas "mais do Brasil".

MARKETING RURAL

O VEÍCULO
PARA OS PROFISSIONAIS
DE COMUNICAÇÃO

MAPICOM
ANO 1 - Nº 2



PUBLICIDADE

Tomei um ita no Norte

"...pra vir
de muda pra cá, adeus
meu pai, minha mãe,
adeus Bolém do
Pará".



Carlos Castro de perfil

O crime do publicista é não que eticamente justificar uma sociedade economicamente onde não há justiça na partilha dos bens. Aquilo significa "não há es que há não". Não parece muito diferente? Renato Casella Branco, 67 anos, 47 de publicista, não concorda. "A propaganda cria consciência, que não produz, que cria empregos, que cria riqueza, que cria consumo... Que mal há nisso?".

O primeiro Casella viveu em La (Lima) no Norte como na cidade de Caracas. Chegou ao Rio em junho de 1951. Morou numa pensão de estudantes no Centro, Estreito — para proporcionar na era proibida — na Faculdade de Direito. Aos 20 anos, escreveu seu romance "Armas em 19". Contribuiu a instauração da censura da época através Roberto era o jornal. Em 1955, depois de trabalhar um ano para o condô Marcelo Lodi, acabou como assistente de editor de propaganda no N.W. Arns, uma agência americana.

... Foi uma surpresa e um desastre. Eu, que pensava que seria se sair para não se perder a liberdade, de repente era obrigado para estudar de antigas. Em vez de debater meus pontos de vista, eu tinha que estudar os textos clássicos, era obrigado para vender sabonetes, cremes de beleza, ou salicilato, escrever Cartões de Boa Noite "Bom dia ou Boa Noite" (conhecidos), publicando no seu jornal.

Os primeiros revolucionários de Casella foram distribuídos por Adão Xavier de Silva, que trabalhava na Agr. "Pauze depois da liberdade

para a morte em São Paulo", e que foi promovido — disse que ele se recusou com a imprensa em torno do movimento comunista de 55. Na Faculdade Brasileira, uma de suas atividades, Casella não se fez (desobediência de subversivos) com o tempo (empresas privadas) ao lado de intelectuais de propaganda como Eloy Furtado, Haroldo Dantas, Ivan Pedro Martins, Ovídio Lacerda, Galvão Figueiredo, etc.

A cultura americana era profundamente. As regras de ouro do dia — "nunca entusiasme e não desanima, seja sempre calmo e claro, não seja tão que se vai comover". Foi assim Casella aprendeu na Agr. de Moraes, na J. Walter Thompson (onde trabalhou durante 12 anos, de quando ele mudou a residência no Brasil e incorporou-se para a USA). "Foi o melhor emprego, acho de graça, graças ao emprego". E trabalhou ali mesmo em 1957, quando veio um grupo de Associação Brasileira de Propaganda em 1955, a Escola de Propaganda de Moraes de Arte (EAP) e Associação Brasileira de Agências de Propaganda, um colégio de direção, o Conselho Nacional de Propaganda (1964).

A publicidade não mudou a orientação dos interesses brasileiros. Em 1954, publicista e jornalista Ivan — "A Química dos Rapos" (série de migrações, invasões e substituições) promovidas na imprensa, além "A Civilização do Cangaço", "Folhas de Balsa", "A Família do Cão", "Os Habitantes Brasileiros — Fome & Lendas", e outros. Outros

CONTINUA NA PÁGINA 18

*Correspondência passiva de
Castelo Branco*



INSTITUTO MEDICAMENTA
FONTOURA & SERPE
R. PORTO 417 - SÃO PAULO - SP

Dezembro 25, 1942

Senhor Castelo Branco

Recebi seu livro, *A CIVILIZAÇÃO DO COURO* e li-o com o maior encanto e interesse; mas como não sou editor da *Ilustração*, solicitei do meu pagamento e pedi ao meu grande amigo Monteiro Lobato que lesse o seu livro e me desse opinião. E ao recebê-la fiquei muito contente comigo mesmo, porque coincidiu com a minha. Sr. Lobato ao ler o livro que me mandou: "Esse livrinho surpreendeu-me. Pequeno apenas para palpá-lo e cheirar (que é o mais que podemos fazer com a maioria dos livros que aparecem) - e quando dei ordem estava no fim. E você tenha paciência: o livrinho vai ficar aqui comigo! Ele não quer voltar. Sentiu-se bem num estante onde só tenha coisas com grau 10. Não tem bem equilibrado o livro, tão limpo das classificações bibliográficas, que não tenha medo de confundir minha opinião: de todos os estados do Brasil tive uma monografia sintética de altura dasas, o Brasil, como um todo, seria talvez a soma de todos mais bem fotografada. E por que esse Castelo Branco não tenta isso - fazer algo mesmo na síntese parcial (os estados todos) para que tenham um retrato total que não existe? E não existe porque a insensibilidade patriótica ou regional faz cada um, e cada, especifica de que o grande, o mesmo valor de tudo é a verdade. E quando se estila, estou certo de que o velho Castelo não desdenharia mais outro Castelo Branco. R.F. escreve com a minha perfeição. No livro inteiro não trocamos uma só sílaba - e isto é raro..."

Sr., meu caro amigo, e que maravilhosamente Monteiro Lobato pensa de seu livro e do novo Castelo Branco. Como mestre que é na arte da expressão do pensamento, ele diz de seu livrinho exatamente o que eu senti mas não poderia dizer. As responsabilidades pelo nome dos carrões estão, pois, perfeitamente atendidas.

De sempre seu

C. Fontoura

Cândido Fontoura
Caixa Postal, 950
São Paulo

Apreciação de Cândido
Fontoura, juntamente,
com a de Monteiro Lobato,
sobre *A civilização do couro*.

São Paulo, 15 de julho de 1986

Prezado Renato Castelo Branco:

Só hoje venho agradecer os seus livros, que li com verdadeiro interesse. A história de sua família é modelar no gênero. As memórias são escritas com discreta sinceridade, numa composição linear e direta de grande eficácia. Sem se inflar nem se diminuir, você conseguiu desenhando maneira animada e expressiva o próprio perfil, integrado num perfil do tempo e dos grupos. Nos poemas apreciei a amplitude que lhe permitiu oscilar dos espaços insondáveis ao registro do cotidiano, sempre por meio de uma palavra poeticamente bem elaborada que vai alto em muitos momentos.

As memórias me fizeram além do mais voltar ao tempo da Brasileira inaugural, com a pequena série onde A Civilização do Couro se encaixou tão bem. E me deram saudade do nosso comum e querido amigo Edgard Cavalheiro.

Grato por tudo, aqui fica muito cordialmente o

Antonio Candido

Antonio Candido

Avaliação de Antonio
Candido, sobre o livro
Tomei um ita no norte.

Floriano, 15 de agosto de 1980.

Meu caro Renato:

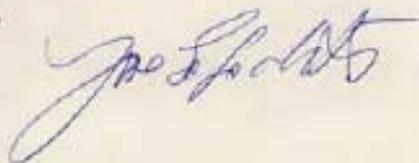
Recebi a *ILHA ENCANTADA* que li com prazer. É um livro corajoso, aborda uma pouco explorada em literatura - a atração sexual entre dois meninos. Parece tratar-se de ocorrência bastante comum, mas os escritores em geral fogem do tema, com medo.

Fui interno no colégio das maristas, em Salvador, senti de perto esse problema. A masturbação começava muito, alguns meninos "bonitos" e frágeis eram cortejados por maiores desejosos.

Grato pela participação como pesquisador, apesar do anacronismo. Quando o column Freitas passou em Oeiras, meu pai era ainda solteiro. Eu nasci em 1908. Ogê (O.S. Régio ?) em 1930 e o colégio do Dagoberto, na década de 40. Todos juntos, tomando banho com o Ronaldo ("caulê" ?) na Farquilha do Rio - Mas não conheço Oeiras de vista ou só de leitura ? Se não conhece de vista, francamente, saiu-se muito bem na evocação. Está tudo nas conformas.

Este é com seu terceiro romance em prelo. Outra vez acontece em Oeiras, é claro! Logo que sair, mandar-lhe-ei um exemplar.

Um abraço,



Análise crítica de José Expedito Rego, sobre *A ilha encantada*.

Rio, 25 de abril de 1963,

Care Renato Duarte Brunco,

Recebi o seu "A Conquista dos Sertões de Dentro", com a deferência especial de ser um dos homenageados pelo autor. Muito grato. Tenho apreciado suas "memórias" e seus "romances históricos", principalmente como contribuição para o conhecimento do Piauí, farsageado de recôndito sentimento telúrico. Acredito que a ficção brasileira muito se beneficiará de suas pesquisas regionais e históricas, com a vantagem de o passado ser revivido por um escritor de grandes recursos narrativos

Ando às voltas agora com uma "Gentio do Paranaíba", tentanto aquela dimensão humana e regional de um Choloikov ~~regional~~ da província, e seu livro "Tomei um Ita no Norte" me tem servido de roteiro vicinal, bem como o livro, curioso, "Cada Rua - Sua História", de Caio Passos, que naturalmente você conhece.

Admirando ainda a sua tenacidade de ancorar à terra, envie-lhe parabéns pelo novo livro, certo de que o seu sucesso se incorporará ao sucesso maior de sua obra literária.

Receba o abraço do amigo e leitor,

ASSIS BRASIL

Posicionamento de
Assis Brasil, sobre
*A conquista dos Sertões
de dentro.*

MOACYR SCLiar

Meu caro Renato Castilho
Branco,

meu obrigado por seu
Rio da Liberdade a
história é um filão
inexotável - mas só
acessível a ficcionistas que,
como você, conhecem o
perfeito conhecimento do fato
com o brilho da narra-
tiva. Meus parabéns e
o abraço de
Moacyr Scliar

Julgamento de Moacyr
Scliar, sobre a obra
Rio da liberdade.

S. Paulo, 23 de agosto de 1993

Meu caro Renato Castelo Branco.

Que magnífica idéia, a sua, de fazer ecoar nos seus versos a prosa poética de Guimarães Rosa e de Euclides da Cunha, tendo o sertão como leitmotiv.

Poemas do Grande Sertão (S. Paulo, T.A. Queiroz, 1993) constitui uma aventura literária, uma viagem nos domínios da imaginação criadora. Você, no interior da atmosfera gestada pelos dois memoráveis prosadores, encontrou meios de organizar, sob a forma poenática, uma expressão lírica, nostálgica do sertão brasileiro.

A meu ver, na paráfrase de Guimarães Rosa é que você encontrou maior concentração de carga poética. Exemplo: "Rice bonitos um do pente/ao encontrar com o sol." (poema "Os Cerais"). Ou: "A chuva esfriava a cacunda das serras./O vento principiava a entortiar raso/e as águas comecam a se acabar./Então, abriu o céu." (poema "A chuva").

É claro que a beleza frequente igualmente a outra parte. Mas é diferente. Assim, por exemplo: "como um cilício dilacerador/transmuda-se a castinga num tapete de espinhos." (poema "A castinga").

A prosa de Euclides tem uma ênfase oratória, mais do que poética. A formação intelectual do artista foi dominada principalmente pelo pensamento lógico. Daí a racionalidade de seus argumentos. Os poemas "O retirante" e "O sertanejo" guardam uma noção persuasiva quase de um silogismo. São menos dotados de magia.

Se eu tivesse de escolher a melhor composição, elegeria "sertão" (p.15), pela síntese e densidade.

De qualquer forma, *Poemas do grande sertão* se impõem pela criatividade. E o prazer da leitura é intensificado pela boa solução gráfica. Parabéns.

Assim, meu caro Renato Castelo Branco, venho agradecer-lhe, muito, a oferta de seu último trabalho, felicitando-o pelo bom resultado literário.

FÁBIO LUCAS Receba o abraço e a afetuosa estira do

Rua Capitão Cavalante 273

04017 000 SA.

Apreciação de Fábio Lucas, sobre a obra *Poemas do grande Sertão*.

*Fragmentos dos Manuscritos
de Castelo Branco*

Rasuras do LM1

TEODORO BICANCA

1924 - pag. 11
1919 - nos. 18
1924 - pp. 123
1931 - pg. 169

REMETENTE: R. C. B.
CAIXA POSTAL 8088 - SÃO PAULO

REMETENTE: R. C. B.
CAIXA POSTAL 8088 - SÃO PAULO

III ~~O conflito~~

~~O VAREIRO 1931~~

~~O vareiro 1931~~

~~aparece a vida pos. 141a-16~~

III - As piores d'agua

O S DIAS passavam. Os meses passavam. Passavam-se os anos. E afinal chegou a hora de Teodoro realizar seus sonhos. Agora já era homem, podia ser vareiro. Vendeu seu jumento por quase nada. O animal já estava velho e não achou quem desse bom preço. Comprou uma *marinheira*, pendurou na cintura. Estava pronto para a nova vida.

Teodoro foi engajado na "Caramuru", uma barca da Companhia Fluvial, que fazia a linha de Parnaíba a Terezina, no centro do Estado. Estava feliz. Ia ver terras, ia conhecer metade do Parnaíba. Aquilo é que era vida, vida livre e errante, hoje aqui, amanhã acolá.

...

O rio estava cheíssimo, mas as chuvas continuavam a cair, grossas, pesadas. As águas já haviam subido dois metros e estavam prestes a transbordar. A correnteza impetuosa passava, lambendo as bordas dos barrancos, devorando a terra, arrancando árvores, carregando tudo. As populações ribeirinhas andavam assombradas. A Coroa e os Tucuns estavam prestes a ser invadidos. Os plantadores de vazantes mediam, com os olhos, diariamente, o nível das

[141]

Rebelião do Fricole

Rasuras do LM1

TEODORO BICANCA

primeiro dia, quando dera de tantas para tantas, o caboclo começara a ficar impaciente, de cima para baixo, com a mão na barriga, procurando alguma coisa. Até que por fim não resistira mais e, aproximando-se de um tripulante antigo, perguntara:

— Meu irmão, me diga uma coisa; onde é mermo o mato desta barca?...

• Disse as últimas palavras e seguiu-as logo de uma gargalhada sonora, gostosa, que encheu todo o boteco, transpôs a porta e espalhou-se pela rua. Teodoro também achou engraçado. E então o mulato animou-se e disparou a contar mais histórias. Falou dos casos sensacionais de União, dos namoricos da cidade, contou a vida dos graúdos, principalmente a do coronel Casemiro que diziam ser tão sovina que mandava um moleque apanhar manga assobiando, para ter a certeza de que não comia nenhum fruto. E, cada história que contava, sincronizava o final com sua gargalhada transbordante, que enchia tudo.

Teodoro já estava ficando impaciente com aquela risadagem, pensando em se retirar, quando o mulato começou uma nova história — a história do negro Crispim, beberão inveterado, que vivia de esmolas nas ruas de União. O nêgo era meio gira, se pabulava que conhecia meio mundo e falava coisas misteriosas, que ninguém entendia. Tinha a mania pelo número três — que dizia ser o número de sua

[157]

Abdias da história de
seus amores com a louca
na Peggy Sanders, dançarina
de Radio City, ou o cha-
neal a história de seu pai
Valentim ou seu pai do
"Quartel General", gafeira tradicional no beco da
Farmácia Parnaibana, onde a mocidade ia dançar
com as "mulheres da vida" e encher-se de cachaça e
"doença do mundo". Horceno esquिवou-se aos con-
vites. A princípio conseguiu apresentar desculpas
aceitáveis, mas, com o tempo, os companheiros come-
çaram a ressentir-se de suas sucessivas recusas, e
chegaram à conclusão de que ele não ia ao "Q. G."
porque era afeminado, "um macho-fêmea". Logo
alguém descobriu que Horceno jamais tivera uma
doença venérea. E a descoberta trouxera a sentença
final — "homem que nunca teve doença do mundo,
não é macho."
Com a chegada de Abdias, Horceno procurou
encontrar, nêle, um companheiro para seu isola-
mento. E, em vez de ir para a Praça da Matriz,
iam jogar bilhar no "Cassino", ou ouvir música na
casa de Horceno que trouxera, com a barata Ford,
uma boa vitrola e uma valiosa discoteca.
Dona Genoveva tinha restrições àquela amizade,
pois Horceno nunca ia à missa aos domingos e sua
irmã, a Damatência, fôra expulsa da igreja, certa
ocasião, por ter ido a uma novena com vestido de
manga curta. Mas, afinal, pelo menos Horceno era
de boa família, filho do coronel Damasceno e de
dona Hortência, da Areia Branca. Era melhor que
Abdias o tivesse como amigo do que a gente da laia
de Teodoro.
Mas a rapaziada de Parnaíba não era da mesma

[180]

um romance que ele com
de amor eterno. Uma mulher
pela. Damasceno soube da
história e ficou com a

Rasuras do LM1

RENATO CASTELO BRANCO

Bôca de Sovaco e o Leôncio tinham sido apanhados quando tentavam fugir e tinham sido escoltados a Parnaíba, de volta, debaixo de surra de facão. Teodoro havia sido retirado da Santa Casa e estava também na cadeia.

Abedias mandou que Zé Peinha fugisse, que ele ia até o delegado, protestar contra os esbordoamentos e as violências praticadas contra Bôca de Sovaco e Leôncio. Seu Tenório não compreendeu. Ficou a olhá-lo quando se afastava, os olhos cheios d'água, a voz trêmula, murmurando:

— Meu filho... meu pobre filho...

O filho dele
o filho do
ver nota
na carta

Zé Peinha não quisera fugir, também. Acompanharia Teodoro e o doutor Abedias, para o que desse e viesse. A polícia detivera, assim, as figuras mais destacadas do movimento. Dona Genoveva e seu Tenório, apesar de desprestigiados, encontravam piedade e complacência de alguns amigos importantes, no meio de sua desgraça. E haviam conseguido que fossem proporcionadas certas regalias ao filho, enquanto vinham ordens de Terezina sobre o destino a ser dado aos prisioneiros. Afinal, Abedias era filho de boa família, um moço de sociedade, formado, não podia ficar preso com aqueles vareiros pifes, uns *lheguelhés*. Mas Abedias recusou-se terminantemente a aceitar qualquer privilégio; exigiu que o deixassem na cadeia com os quatro companheiros.

[232]

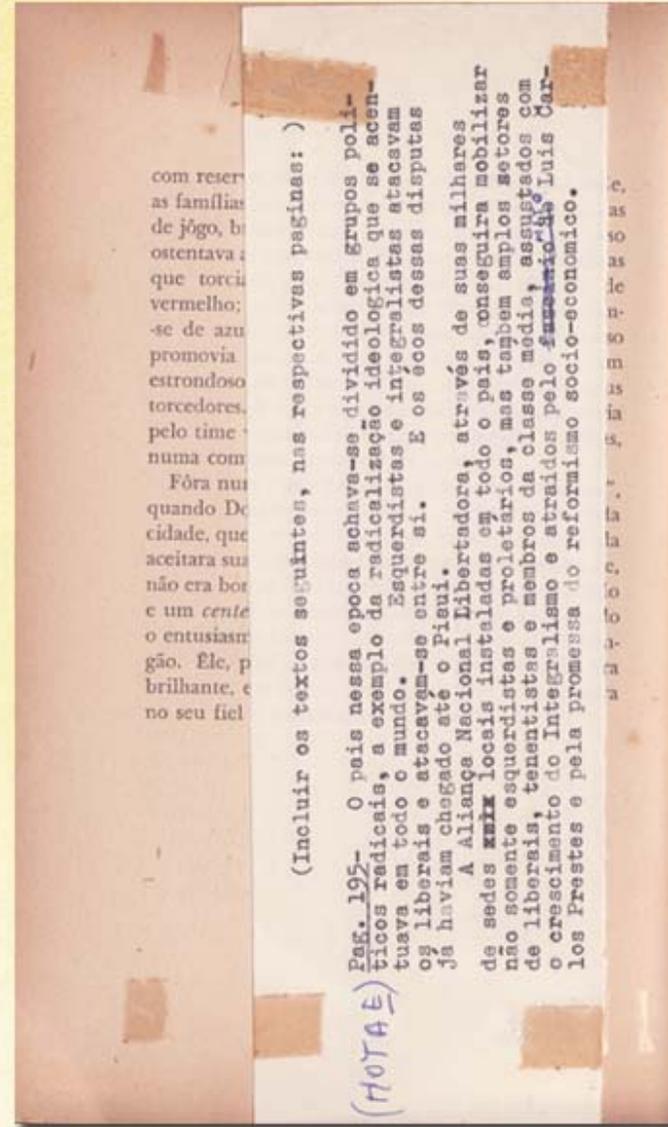
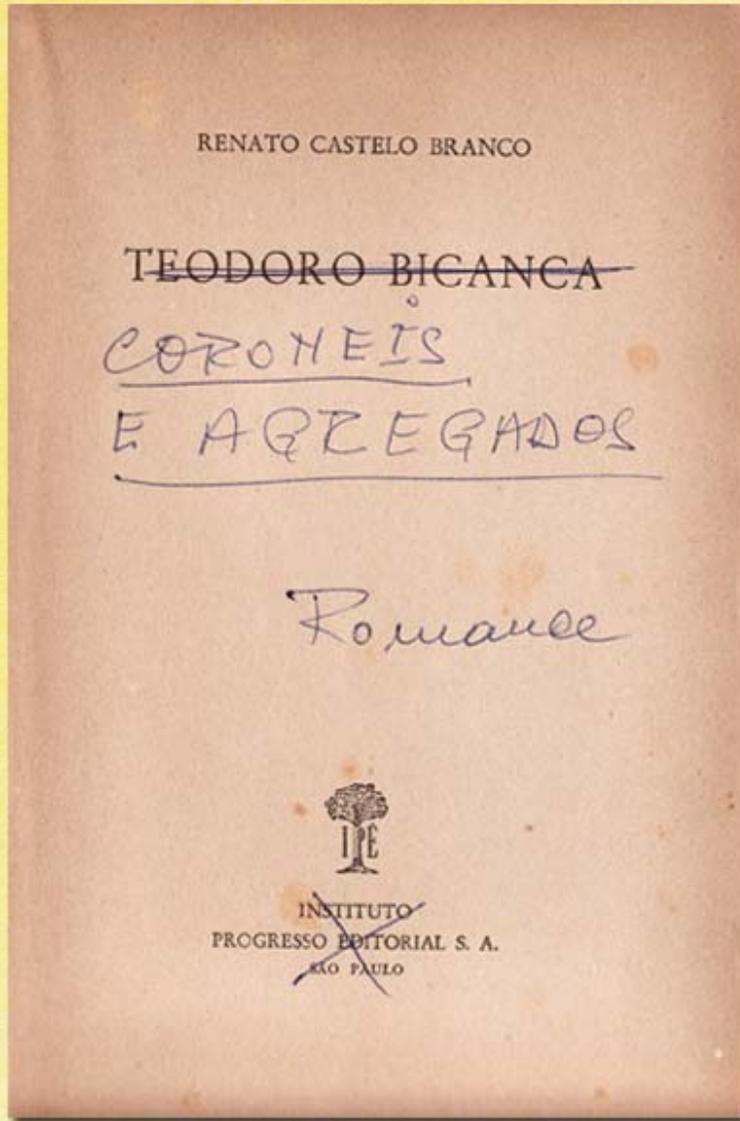
TEODORO BICANCA

Sim, não lhe restava mais nada senão voltar para a Areia Branca, para Siá Ana, que haveria de curar seu corpo; para Piedade, que haveria de curar sua alma, com seus olhos grandes de guajeru...

São Paulo, junho de 1947

[237]

Rasuras e notas do LM2



~~(NOTA)~~
(NOTA F)

poucos dias antes, um
Abedias ganhara, ~~XXXXXXXXXX~~ livro de Horceno, "A
Revolução dos Bichos", de George Orwell, que continha
na dedicatória, uma advertência. "Caro Abedias: Que não
te façam os porcos d'água do rio Farnaíba, o que fizeram os
porcos da Grã-Ja dos Bichos aos seus companheiros de revo-
lução. Abraços do amigo Horceno"

↑
Abedias compreendeu o simbolismo de Orwells e sua int
ção de retratar, através daquele munto fantástico, o destino
de tantas revoluções. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Mas achava
que valia a pena o risco a que se expunha se ele trouxesse alg
melhoria nas condições de vida dos vareiros, embaresadiços e
estivadores.

Escreveu um bilhete a Horceno agradecendo:

✓ Caro Horceno: Percebo bem os pontos da identidade
entre o Napoleão da Revolução dos Bichos, o Napoleão da Re-
volução Francesa e tantos outros Napoleões de que é rica
a História. Mas, se cada um de nós fizer um pouco pela

A maturidade, São Paulo

(Iniciado em 31-1-80.

Primeira parte, resumo
básico, terminado em
1-8-80)

Rasuras e notas do LM2

TEODORO BICANCA

pelos membros do Sindicato. E que as senhoras dos coronéis iriam ser as cozinheiras das respectivas residências.

• • •

Naquela noite, quando Abedias, numa reunião no armazém do coronel Binu, enumerou as diversas calúnias de que estavam sendo vítimas, Bôca de Sovaco aparteceu, sob aplausos, que a idéia não era má. Abedias respondeu que tais idéias, além de impraticáveis, eram absurdas e que a finalidade do Sindicato era corrigir injustiças e não cometer outras. Mas quando, terminada a reunião, retirou-se com Teodoro e Zé Peinha, ia preocupado com o episódio. Receava que os boatos alarmistas que circulavam na cidade viessem a influir nos grupos mais desordeiros do Sindicato, lançando em seu espírito as sementes de sonhos fantásticos, que só poderiam desvirtuar suas finalidades e prejudicá-las. Abedias sentia a necessidade de discutir, de trocar idéias com alguém que o compreendesse. Mas receava as reações de Teodoro e Zé Peinha. Despediu-se dos companheiros e encaminhou-se para o centro, pensando no estranho rumo que os acontecimentos tomavam. A má fé de uns e o pânico de outros, começavam a criar reações com que ele não contara.

(NOTA H)

[211]

RENATO CASTELO BRANCO

Bôca de Sovaco e o Leôncio tinham sido apanhados quando tentavam fugir e tinham sido escoltados a Parnaíba, de volta, debaixo de surra de facão. Teodoro havia sido retirado da Santa Casa e estava também na cadeia.

Abedias mandou que Zé Peinha fugisse, que ele ia até o delegado, protestar contra os esbordoamentos e as violências praticadas contra Bôca de Sovaco e Leôncio. Seu Tenório não compreendeu. Ficou a olhá-lo quando se afastava, os olhos cheios d'água, a voz trêmula, murmurando:

— Meu filho... meu pobre filho...

Zé Peinha não quisera fugir, também. Acompanharia Teodoro e o doutor Abedias, para o que desse e viesse. A policia detivera, assim, as figuras mais destacadas do movimento. Dona Genoveva e seu Tenório, apesar de desprestigiados, encontravam piedade e complacência de alguns amigos importantes, no meio de sua desgraça. E haviam conseguido que fossem proporcionadas certas regalias ao filho, enquanto vinham ordens de Terezina sobre o destino a ser dado aos prisioneiros. Afinal, Abedias era filho de boa família, um moço de sociedade, formado, não podia ficar preso com aqueles vareiros *pifes*, uns *lheguelhês*. Mas Abedias recusou-se terminantemente a aceitar qualquer privilégio; exigiu que o deixassem na cadeia com os quatro companheiros.

[232]

17.
O EPILOGO
(NOTA L)

Páginas do LM3

RENATO CASTELO BRANCO

que o mundo todo ficara coberto d'água, senão a barca de Noé. Devia ter sido o Parnaíba que havia enchido, invadido tudo, cobrindo o mundo. E a barca teria sido uma daquelas que passavam agora, à sua frente. E Noé devia ser um varreiro muito valente e muito forte — o único homem capaz de dominar o rio.

Teodoro estava deitado sobre uma enorme pilha de sacos de côco balaço, amontoados à beira do rio, esperando embarque. O côco resscudia seu cheiro gostoso. Teodoro spanhou uma amêndoa, de um saco furado, e pôs-se a mastigar, chupando o suco do bagaço branco. Embaixo, as águas do rio corriam. A lua estava bonita e a noite tão clara que Teodoro podia ver o vermelho das águas. Os perfis das grandes barcas, paradas sobre as águas, desenhavam-se no fundo da noite. E nas barcas ele via os homens deitados como ele sobre enormes pilhas de sacos de balaço, o léito duro dos vareiros. Um dia ele também seria vareiro, um vareiro forte e valente, como Noé, e haveria de conhecer o grande rio, desde o seu começo até o fim, lá no mar.

O mar era uma palavra estranha, para Teodoro. Os vareiros diziam que o mar era inenso, maior que o Parnaíba, e que tinha ondas, montanhas d'água se levantando. Mas como podia ser uma montanha d'água? Como é que a água podia se agüentar empilhada como um morro e não se derramar? Não. Aquilo era conversa dos vareiros, para isolar com

[12]

RENATO CASTELO BRANCO

vam na rua, falando de política. Revoltado contra tudo e contra todos, inimigo perpétuo do governo, dos juizes, da justiça, não hesitava em alugar seu armário artuinado para sede do Sindicato dos Vareiros e Estivadores, por um preço irrisório, que Abedias levantara das mensalidades dos associados.

O Sindicato começara modestamente, quase que somente com a tripulação da "Caramuru", que Teodoro e Zé Peinha casqueizaram. Mas, à proporção que a grute rica do centro hostilizava Abedias, os proletários dos arredores devotavam-lhe maior confiança. As empregadinhas ouviam nas casas das famílias onde trabalhavam os comentários que os patrões faziam contra Abedias e passavam-nos à rala dos bairros pobres. E aquilo continha a mais forte propaganda para o Sindicato. Quanto mais os patrões diziam que o Sindicato era um perigo, uma ameaça para a sociedade, que aqueles caboclos ordinários iriam ficar enfeitados e atrevidos, mais os caboclos ordinários se reuniam a Teodoro, a Zé Peinha, à turma da "Caramuru".

Assim, em poucas semanas, o Sindicato já costava com surpreendente número de filiados. E Abedias achou que era o momento de proceder à eleição da Direção que devia substituir a Comissão Organizadora, composta dele, Teodoro e Zé Peinha. Naquela noite reuniram-se centenas de estivadores e vareiros no armário artuinado do coronel Bina. Vinham chegando em grupos, de tamanca ou pé

[202]

TEODORO BICANCA

Sim, não lhe restava mais nada sendo voltar para a Arca Branca, para São Ana, que haveria de curar seu corpo; para Piedade, que haveria de curar sua alma, com seus olhos verdes de gajeru...

São Paulo, junho de 1917

[237]

Fólios dos capítulos do Env

2. A Casa Grande

~~A Casa Grande~~

A "Casa-Grande" era o símbolo da grandeza histórica de Pernambuco. Construída por Domingos Dias da Silva, no século dezoito, fora o centro de toda a vida da Província, com seu fausto, sua grandeza, sua imponência. A cidade crescera, praticamente, em torno dela, à sombra de seu poder incontestável. Com suas paredes amarelas, de um metro de largura, erguia-se imponente, dominando tudo, testemunha da omnipotência dos Dias da Silva, cujas fazendas charqueadas eram uma inagotável fonte de ouro. Domingos Dias exportava seus produtos diretamente para Lisboa e Porto, ou para o resto do Brasil, em navios próprios.

Seu filho, Simplicio Dias, segundo Senhor da "Casa-Grande", era possuidor de centenas de escravos, proprietário de um império de fazendas e amigo pessoal do Imperador. Em seu tempo, a "Casa-Grande" fora o centro da conspiração da Independência, no Piauí, e abrigava os emissários das Províncias vizinhas, que vinham confabular com o potaraco senhor da Vila São João de Pernambuco.

Quando, em 1824, o cientista inglês George Garner visitou Pernambuco, ficou surpreso com o fausto e o requinte com que foi recebido pelos Dias da Silva. Na festa que lhe foi oferecida, uma orquestra de escravos tocava músicas clássicas.

Filho natural, sendo legitimado por provisão real, nasceu Simplicio Dias a 2 de março de 1773. Sua mãe, que era mestiça, chamava-se Claudina Josefa.

Entrando, aos 20 anos, por morte do pai, na posse da avultada fortuna, recebeu seu irmão Raimundo encarregado da administração dos seis estabelecimentos de charque explorados anteriormente por Domingos Dias da Silva e seguiu para a Europa com o fim de instruir-se. ~~Alguns~~ ~~alguns~~ ~~alguns~~ Simplicio Dias estava alguns anos na França, quando ainda eram muito vivas as impressões dos sucessos de 1793. Passou, depois, à Inglaterra, Itália, Espanha e Portugal, regressando com hábitos de luxo e dissipação, que o fizeram afamado em todo o país.

3. A CASA INGLEZA

O solar dos Dias da Silva alcançou o auge de seu poder em 1824, quando Simplicio Dias, vitorioso a guerra da Independência, de que foi um dos principais líderes no Piauí, tornou-se amigo dileto do Imperador. Agora, um século depois, o marco arquitetônico e social da cidade era a Casa Inglesa, dos ~~Milner~~ Castelo Branco Clark.

Como a Casa Grande representara o apogeu da economia baseada na criação de gado e na exportação de charque, a Casa Inglesa representava o apogeu da economia baseada na indústria extrativa e na exportação de carnaúba e baboçu.

À boa maneira lusitana, o andar térreo ~~do sobradão~~ do sobradão era ocupado pela casa comercial da Casa Inglesa, que se tornou uma das principais firmas exportadoras do Piauí e do Nordeste. Os andares superiores, com mirantes, varandas e móveis importados da Austria e da Inglaterra, eram a parte nobre, a residência da família.

Sua construção data de 1814, mas só começa a haver registro de sua história quando, em 1854, foi adquirido pelo inglês Robert Brockhurst, de ~~xxx~~ seu então proprietário, o Major Eleutério Antonio Soares Braga.

Robert Brockhurst, por sua vez, vendeu o sobradão a Paul Robert Singlehurst, fundador da Casa Inglesa, e que os pernambucanos logo batisaram de "o velho Paulo Inglês".

Em 1869 o jovem James Frederick Clark, de apenas 14 anos de idade, veio de Liverpool trabalhar com Singlehurst. E, quando este morreu, em 1898, assumiu a direção da firma, terminando por adquiri-la, em 1903.

James foi, de certo modo, o grande impulsionador da nova economia, baseada na indústria extrativa. Foi ele quem, pela primeira vez, em fins do século passado, enviou amostras de ~~carne~~ ^{carne} ~~para a Inglaterra~~ para a Inglaterra, dando início a um ciclo aureo de carnaúba, que se tornou o novo sustentáculo da economia do Estado.

Os rebanhos do Piauí, dizimados pela guerra de Fidié e pela Balaiada, haviam reduzido à pobreza os coronéis-fazendeiros, criadores de gado, e destruído a poderosa indústria do charque dos Dias da Silva.

Com a iniciativa do jovem James, a economia do Estado iria se deslocar para as exportações de produtos primários (?). Ao lado da cera, viria o baboçu, o tuçum e outros produtos ~~químicos~~ ^{químicos}. E os coronéis-fazendeiros,

Fólios dos capítulos do Env

Classificação de (pag. 124) B
São João da Barra
de Parnaíba
para do 1.ª Cidade

~~Mapa e 12 de setembro de 1938 - Parnaíba, Ceará.~~

São João da Parnaíba foi fundada em 1762 pelo Governador da Capitania de São José do Piauí, João Pereira Caldas, que instalou a nova vila no local onde era o porcoado da Testa Branca, com "quatro fogos, oito pessoas e onze escravos".

Em 1770, a vila foi transferida para o Porto das Barcas, no local onde é hoje o Porto Galgado, seis quilômetros ao norte, à margem do Iguaçu, um dos cinco braços através dos quais, como um novo Siva, o rio Parnaíba ~~se aboca~~ desemboca no Atlântico.

ao tempo desta barreira, a
de vilas, praias, rios, lagoas, mangues, e jardins

As vilas ali habitadas - era o centro, com jardins arborizados, ruas calçadas, luz elétrica, igrejas altas e brancas e um palacete moderno e imponente arrojadas, de granito ou mármore, sobre o marfim branco, de estilo colonial.

Em frente à casa de ~~uma~~ *de vilas das antigas*, sua casa de ~~uma~~ *de vilas das antigas*, bem alto, ~~de vilas das antigas~~ *de vilas das antigas*, sem a propriedade dos exportadores. O edifício era pitoresco e avolumado, cheio de enredos beirões, era descarregando as mercadorias que vinham do interior, era reservando-as para o transporte até Cuiabá na Amazônia, os portos marítimos por onde se processava a exportação de Estado.

Gubiribá ou Isamento e rio, passavam constantemente as "igalinas", rebocadas de todos os tipos, grandes e pequenas, arrastando atrás de si uma procelação de barcas, lotadas ~~de~~ *ao máximo*, as águas do rio lambendo as bordas de oxia, ~~de~~ *de* as barcas isoladas, apertadas pelas varais barcosas, com suas anoras veras apoiadas no peito, ~~de~~ *de* os baleiros, que vinham de Maranhão e do Ceará, as

4. A COLUNA E O SANGAÇO

Quando Teodoro chegou a Parnaíba, a cidade vivia dias a um tempo de expectativa, medo e esperança.
A Coluna Prestes vinha de invadir o Piauí.

população. A Coluna vinha precedida de uma legião de heroísmo, de sacrifícios, de feitos impossíveis. Prestes, Juarez Távora, Siqueira Campos, Djalma Dutra, João Alberto, Cordeiro de Faria, Moreira Lima, os novos cavaleiros andantes, misteriosos, super-homens, desaparecendo nas selvas, ou na caatinga, realizando façanhas incomparáveis.

Contavam-se casos, escaramuças, batalhas, em que os rebeldes venciam sempre forças ~~incalculáveis~~ incalculáveis, graças à malícia e ao gênio de seu Chefe, ou aos poderes sobrenaturais da feiticeira Mãe Maria, que dançava nua diante das netaladoras inimigas, ao som da flauta mágica do feiticeiro Coronel Favorino, confundindo e desmorteando os adversários.

Os inimigos da Coluna falavam de crueldade, de violências, de ~~delicados~~ *delicados*, de assassinatos. Criavam o pânico e a insegurança.

No mesmo tempo, falava-se de Lampião, das forças do bandoleiro, contratado pelo governo para combater a Coluna, juntamente com as forças legalistas federais, as tropas do exército, os jagunços, os valentes da polícia.

E o velho medo de sangação, que sempre rondara o Piauí, ganhara de repente realidade. Os romances dos cantadores populares, repetidos de boca em boca, lembravam as proezas do bandoleiro, levando o pânico aos coronéis, às mães de família e às donzelas:

~~Entre de fogo~~ *(copiar Maria de Anacleto, "O Livro das Artes", páginas 94, 95, 105)*
"Entre em fogo e não se queima
Foga corisco! com a mão
Vidro ralado é pra ele
Um excelente pirão
Se bebe sangue de gente
Mata qualquer inocente
Sem raiva nem precisão."
.....

Fólios dos capítulos do Env

(p-g.182)

4. A FARMACIA DO DR. GENESIO

Abedias e Horceno passaram a ser assunto até nas rodas da Farmácia Parnaibana, de Dr. Genesio, onde aos domingos de manhã, depois da missa, se reuniam os intelectuais da cidade. Os jovens poetas Vicente Araújo, Armando Madeira Basto e Renato Castelo Branco, assíduos colaboradores do "Clarim" e do "Athensu", propunham-se convidar Abedias para membro do Conséculo Parnaibano de Letras. Dr. Genesio desejava pedir ao dr. Horceno que dedicasse uma manhã cada semana a dar consultas grátis aos pobres, em sua Farmácia. E seu Castelo, guarda-livros da "Casa Inglesa", por solidariedade ao seu companheiro e amigo Tenório, da Casa Carvalho, ~~de~~ Carvalho, fazia questão de salientar a fidalga ascendência de Dr. Abedias, Monteiro, família tradicionalmente amiga da sua, desde os tempos em que sou tetravó, o coronel Hermenegildo Monteiro, caçara índios nas margens do Poti, na companhia de João do Rego Castelo Branco.

x x x

Dr. Genesio era uma tradição em Parnaíba, tanto quanto o rio, a Praça da Graça, a Igreja Matriz ou a Casa Grande dos Dias da Silva. Impossível pensar em Parnaíba sem pensar em dr. Genesio, com sua simplicidade, sua prosa divertida, seu coração generoso e sua contagiante risada em ~~staccato~~ "staccato". Conversar com ele era o mesmo que conversar com a própria cidade: sua maneira de falar, suas expressões, seu riso, sua afabilidade, sua sebedoria, tudo nele era espelho da alma de Parnaíba.

Vivendo ali, na sua tradicional Farmácia Parnaibana, por onde ~~desfilavam~~ diariamente para as queixas, as luxúrias e os gostosos "bate-papos", representantes de todas as camadas da população, dr. Genesio era uma corda eternamente afinada com a alma coletiva. De seu posto ele se adjava em contacto com o riso e o sofrimento, o lavrador e o comerciário, a cunhã e o coronel, o estudante e o intelectual. E seu espírito receptivo, sensível, como uma maravilhosa caixa de sons, ia recolhendo todas as vibrações e sentimentos, que encarava depois em si mesmo.

"Sou genuinamente piauiense".



Renato Castelo Branco (1914-1995)

SUMÁRIO

INDICE	2
I – Casa de Palha X Casa de Telha	2
II – Descrição de Parnaíba	2
III – Os porcos d’agua	3
IV – a revolução dos Bichos	3
INTRODUÇÃO	4
15 FIM DE DAMIÃO	5
II – DESCRIÇÃO DE PARNAIBA	6
2. A Casa Grande	9
3. A CASA INGLEZA	11
A COLUNA E O CANGAÇO	13
1.O VENDEDOR DE ÁGUA	16
5. O SERENO E O BAILE	18
4. A FARMACIA DO DR; GENESIO	19
8. O SINDICATO	21
13. PANICO E APOTEOSE	25
12. PARNAÍBA VERMELHA	25
16. A REPRESSÃO	26
17. O EPÍLOGO	27

[INDICE]

[CORONEIS E AGREGADOS]

[I – Casa de Palha X Casa de Telha]

1. O menino e o rio	11
2. O exodo	16
3. O milagre	27
4. As chuvas	37
5. O roçado e o sonho	45
6. A descoberta	57
7. O reprodutor	67
8. O arranjo	73
9. A divida	77
10. O principe	81
11. A vindita	87
12. A descaida	93
13. Piedade	97
14. O abandono	101
15. Fim de Damião	105
16. A Fuga de Teodoro	109

II – Descrição de Parnaíba

1. A cidade
2. A casa Grande
3. A casa Ingleza
4. A Coluna e o Cangaço
5. O vendedor de agua
6. Bicho maior, bicho menor

III – Os porcos d'água

1. O vareiro
2. Saudade
3. Aprendizado
4. Reencontro com Crispim
5. Pra baixo corre meus ódio

IV – a revolução dos Bichos

1. O doutor bacharel
2. A matriarca
3. O cerco
4. A farmacia do dr. Genesio
5. O sereno e o baile
6. O doutor e o porco d'água
7. O astro
8. O sindicato
9. A ameaça
- xxxxxxxxxxxxx
10. O porco Napoleão
11. O boato
12. Os festejos
13. Panico e apoteose
14. O jardim das Oliveiras
15. Parnaíba, a Vermelha
16. A repressão
17. O epílogo
18. O retorno

INTRODUÇÃO

Este livro, de certo modo, complementa a trilogia de romances históricos escritos pelo autor com base em episódios culminantes da história do vale parnaibano, envolvendo as populações do Piauí e do Maranhão.

O primeiro livro da trilogia, intitulado “A conquista dos Sertões de Dentro”, trata do desbravamento do **xxxxx** vale do Parnaíba pelos vaqueiros baianos de Garcia d’Ávila e os bandeirantes paulistas de Domingos Jorge Velho.

O segundo, “Fronteira da Liberdade”, ~~trata das~~ **[narra as]** guerras da Independência, que passaram à história sob o nome de “guerra do Fidié”.

O terceiro, “Senhores e Escravos”, focaliza a balaiada, considerada por alguns estudiosos a primeira revolução social ocorrida no Brasil[1].

“Coroneis e Agregados”, que agora entregamos ao público leitor do Brasil, retrata, também **e[m]** forma romancada, o quadro sociológico das populações do **[vale do]** Parnaíba, antes que a revolução do caminhão tirasse do rio o papel de grande conduto da economia do Estado. Através de personagens, ora reais, ora de ficção, “Coroneis e Agregados” conta acontecimentos da história recente.

Enquanto os romances da trilogia são mais história do que ficção, deste poder-se-ia dizer ser mais ficção do que história, ainda que o episódio culminante, do Sindicato dos **[dos Vareiros e Estivadores, tenha realmente ocorrido]**

~~mas~~ os quatro se completam para formar um quadro da vida do vale parnaibano desde os primeiros dias de sua conquista e colonização até os tempos modernos.

“Coroneis e Agregados” é, de certo modo, uma nova apresentação de “Teodoro Bicanca”, publicado em **1938** **[1947]**. Não se trata entretanto de uma simples reedição, uma vez que o livro foi em grande parte reescrito e desenvolvido, com a incorporação de algumas **xxxxxxxxxx** memórias que lhe dão maior densidade e valor documentário.

Encerrando, desejamos desde logo alertar o leitor para uma imprecisão cronológica: o livro de Orwell, citado no capítulo “A Revolução dos Bichos”, foi escrito em época posterior ao episódio narrado em “Coroneis **xx** e Agregados”, o que de resto em nada altera o sentido desta história.

O autor.

15 FIM DE DAMIÃO

XIX

DONA Hortência gostava cada vez mais de Teodoro. O moleque era diligente e esperto e tinha um sorriso simpático, que ela apreciava muito. Depois, pensava ela, era homem, não havia perigo de Damasceno fazer das suas. Se ela pudesse, substituíria tôdas as empregadas da casa de telha por molecotes. Já que isto era impossível, porém, ela agora só queria preta velha, mulher bem feita. Pelo menos se aquele indecente quisesse fazer das suas, que fizesse longe de casa, nas palhoças ou no mato, como animal.

Teodoro, porém, era o seu favorito – era pau pra tôda obra. **Era-ê** [Q]ue[m] apanhava as frutas no alto das mangueiras ou das cajazeiras, para a casa de telha; era-ê quem ia no mato juntar côco de tucum para fazer birro para a almofada de renda de dona Hortência; **era-ê** [Q]ue[m] às refeições, ficava ao lado da mesa, com um longo espanador, abanando as mûscas para não pousarem nos pratos; **era-ê** [Q]ue[m] à noite, acendia o facho de palha de carnaúba, para correr a casa matando muriçoca com a fumaça. **[Nota A] Pag. 105 – E nos periodos de férias escolares, quando Horceno e Damacencia, filhos de d. Hortencia e do Cel. Damasceno vinham passar a estação na fazenda, era ele o companheiro que os acompanhava nos banhos de rio e nos passeios a cavalo.**

Teodoro era agregado – era filho de agregado – não precisava ganhar nada. Ganhava comida e alguma roupa velha de Damasceno. Mas, como dona

[105]



II – DESCRIÇÃO DE PARNAIBA

(Aqui entram os novos capítulos 1,2,3,4)

(Pag.127)

Descrição de São João da Barra de Parnaíba

Descrição de Parnaíba

1. A cidade

~~Nasci a 12 de setembro de 1914 em Parnaíba, Piauí.~~

São João da [Barra do] Parnaíba foi fundada em 1762 pelo Governador da Capitania de São José do Piauí, João Pereira Caldas, que instalou a nova vila no local onde era o povoado de Testa Branca, com “quatro fogos, oito pessoas e onze escravos”.

Em 1770, a vila foi transferida para o Porto das Barcas, no local onde é hoje Porto Salgado, seis quilômetros ao norte, à margem do Iguaraçu, um dos cinco braços através dos quais, como um novo Siva, o rio Parnaíba ~~xxxxxx~~ dese[m]boca no Atlântico.

[Ao tempo desta ~~his~~ história, a] A cidade, propriamente, tinha ~~em minha infância~~ uns [q]uinze mil habitantes - era o centro, com jardins arborizados, ruas calçadas, luz elétrica, igrejas altas e bonitas e um palacete moderno e imponente erguendo-se, de quando em quando, entre a casório baixo, de estilo colonial.

Em frente à cidade fica o rio, onde ela termina com seu cáis de p[ed]ra, bem alto, [a proteger das enchentes,] e uma fileira de grandes armazens de propriedade dos exportadores. O cáis era pitoresco e movimentado, cheio de enormes barcas, ora descarregando as mercadorias que vinha[m] do interior, ora recarregando-as para o transporte até Tutoia ou Amarração, os portos marítimos por onde se processava a exportação do Estado.

Subindo ou descendo o rio, passavam constantemente os “gaiolas”, rebocadores de todos os tipos, grandes e pequenos, arrastando atrás de si uma procissão de barcas, lotadas até ao máximo, as águas do rio lambendo as bordas da coxia[,] ~~ou [as] cruzavam~~ barcas isoladas, empurradas pelos vare[i]ros hercúleos, com suas enormes varas apoiadas no peito[,] ~~E passavam também~~ os veleiros[,] que vinham do Maranhão e do Ceará[,] ~~as que vem de Maranhão e do Ceará~~ as canoas que vão [iam] para as fazendas vizinhas, cheias de gêneros; ~~as lanchinhas de esporte, velozes, em que os filhos dos coronéis e dos exportadores [disputavam corrida] pagam~~ ~~parelha, ou aposta[m] para ver quem [passava] de fino numa barcaça que dese[ja] o~~ ~~rio.~~

No cáis, quando os armazéns esta[vam] abarrotados de mercadoria esperando navio para embarque, empilha[vam]-se, às vezes, ao ar livre, sacas de babaçu ou carnaúba, fardos de algodão ou de jaborandí, ou peles de boi, cobertos com enormes encerados, como proteção contra as chuvas. E entre as sacas e os armazéns, fervilha[vam] os estivadores, a catraia, os vareiros, os embarcadiços, só de tangas, pés descalços, tronco nu, uma faca marinheira pendurada na cintura, ou um grande punhal, o “espin” que é sua arma, seu companheiro, seu tudo. À cabeça le[vam] um saco de estopa, ora em carapuça para proteger do sol e da chuva, ora em “rodia” para amortecer o peso das cargas. E entre esta população inquieta, brincalhona, debochada, passa[vam] em manga de camisa os empregados do escritório, lapis atrás da orelha, caderninho na mão, contando as mercadorias, controlando as sacas transportadas pelos estivadores, das barcas para os armazéns, dos armazéns para as barcas.

Daí Parnaíba se estend[ia], primeiro através das ruas comerciais, onde fica[vam] as casas exportadoras e importadoras e os escritórios de representação. Depois, vem [vinham] as lojas dos turcos, ou armarinhos, as casas de tecidos. Depois as residências dos empregados do comércio, casas baixas e antigas, pintadas de cores vivas, - vermelho, amarelo, azul. E, por fim, a zona mais chique, dos palacetes, [dos chalés], dos bangalôs de estilo moderno, cercados de casuarinas, de mangueiras, de palmeiras, de jardins floridos.

Em torno deste núcleo estend[iam]-se os bairros proletários, uma enorme cinta de palhoça e casebres, onde as ruas não são [eram] calçadas, não ha[via] jardins nem praças arborizadas e onde os fios elétricos não chega[vam]. São [Eram] a Côroa, os Tucuns e os Campos. A Côroa e os Tucuns começavam também no rio, com seus botecos sórdidos à beira dos barrancos, onde os embarcadiços iam tomar cachaça todas as noites e se encontrar com as cunhas do meretrício, que as senhoras do centro chamavam com rancor e desdém de mulheres à tôa. E daí iam se estendendo, sempre beirando a cidade, a Côroa por um lado, os Tucuns pelo outro, até alcançarem os Campos, que fechava[m] a cidade pelos fundos, completando o anel.

Essa[x] população, duas vezes maior que a de Parnaíba propriamente, vivia inteiramente em dependência da cidade – eram as empregadas domésticas, as lavadeiras, os meninos de recado, os carregadores de água e de lenha, os catraieiros, os estivadores, os vareiros, os ladrões de galinha, os mendigos e as prostitutas, que recebiam em seus braços os caboclos de sua zona ou os rapazes do centro e os mandavam de volta com cargas idênticas de “doença do mundo”.

Manhã cedinho, seu Lira, o Padeiro, levantava-se e começava a preparar o gostoso pão da cidade. No mercado, os vendeiros abriam as suas tendas. As caboclas se instalavam no meio do largo, espalhando pão pelo chão os potes de barro, os chapéus de palha, os cofos, as esteiras, as rendas e colheres de pau, produtos de uma incipiente indústria doméstica [caseira,] que vinham vender às donas de casa, a D. Orminda, D. Quinoca [a D. Biluca, a d. Giovana], (Riba e Mauricio, sugeriram nomes) D. Quetinha, a D. Yayá. Seu [J]uquinha abria a porta de seu boteco e já encontrava firme no seu posto o crônico [o Cel. Bin vinha se deitar ao sol, na porta do seu escritório] Leôncio [Tião] que fora tomar seu primeiro trago matinal. Na estação madrugavam os cegos, os bagageiros e os moleques com taboleiros de cocadas e rebuçados, aguardando a chegada do tren de Amarração, ou de Piracuruca e Piripiri. O cabo Cajazeira se espreguiçava na rede, na cadeira em ruínas, e dormia de novo. Dona [a comadre] Venancia (?) d[o] “Pensão [Hotel] Carneiro”, acordava as cunhas e mandava-as para a cozinha. A cidade ia despertando: abriam-se as portas das casas, dos armazéns, das vendas, da igreja, da escolinha. E as tropas de burros começavam a cruzar as ruas, com carregamentos de maniçoba, de tucum, de mamona, de cera de carnaúba, de oiticica, de peles de cabra ou couros bovinos, produtos das fazendas circunvizinhas, que convergiam para Parnaíba, para os depósitos d[o] seu Roland Jacob, dos Moraes Correia, [dos Carvalho], da casa Inglesa, em busca dos portos exportadores.

Os garotos do ginásio Parnaibano passavam correndo em bando, Rumo ao cais do porto, para o banho de rio matinal: os filhos de seu Castelo, [Hiran,] Renato, Mauricio e Ribamar; de doutor Zé Euclides, Euclides, Gotardo, Parentinho; do sr. Samuel [Elpidio] Sampaio [,] Edgard e Edmar; e Armando Basto, Seth y Borges, David Mentor; Lucimar, Lucídio e Lourival Veiga; Antonio e José Bompét, o abedias, filho do sr. Tenório].

Logo mais dr. Joca passaria em seu cavalo de sela para a visita habitual aos seus doentes. Dr. Joca – Dr. João Maria Marques Basto – tinha na aparência a mesma solenidade do nome. Corpulento, [b]ígodes retorcidos, pince-nez, camisa de peito e punhos duros, [com a atadura de ouro], parecia o Monsieur Fourcade, de Toulouse-Lautrec. Era uma figura imponente, em seu invariável terno escuro. Mas, na realidade, ele era mesmo era o Dr. Joca, um homem bom a afável, de franciscana paciência com seus doentes.

Aos domingos, ou nos dias de festas religiosas, a praça se enchia de cavalos de sela, [do Cel. Belarmino Pires, do coronel Domingos de Freitas, do cel. Poncion Rodrigues, do coronel Damasceno, do cel. Bidu, do cel. Poncion Rodrigues] que

ficavam amarra[d]os nos postes ou à sombra das copadas um mu[ngu]beiras, enquanto os coronéis e as sinhazinhas das fazendas adjacentes iam ouvir a missa e visitar os parentes e amigos.

Os mendigos, que habitualmente se reuniam na pequena estação para implorar os níqueis dos viajantes, mudavam, nesses dias, o seu quartel general para a porta da igreja, onde de cuia estendida xxxxxxxxxxxxxxxx entoavam suas canções de esmolar. E a molecada abandonava por um momento o campo de futebol para ouvir a cha (VER MARCIA) que se instalava no coreto da praça, sob a xxxxxxxx batuta de [do bom] Almir, ou do Neco [do Piston].

Na praça da Matriz, nas noites de domingo, antes da sessão de cinema a charanga ["Municipal"] tocava e as moças passeavam, para um lado, para o outro, olhando os rapazes, em [g]rupos, nos cantos, quando passavam por eles. Do outro lado da Praça, passeavam as empregadinhas, os operários, o pessoal da Coroa e dos Tucuns. Os dois grupos não se misturavam. E, quando uma pessoa da Coroa passava para o outro lado da Praça, era expulsa pelos olhares escandalizados da população do lado de cá.

[À]s vezes, após a retreta, os rapazes improvisavam serenatas, sob a janela de um casarão antigo, cantando modinhas para as namoradas, ou improvisando provocações a quantos caíam, por qualquer motivo, em seu desagrado.

[2. A Casa Grande]

[xxx]

A CASA GRANDE

A "Casa Grande" era o símbolo da grandesa histórica de Parnaíba. Construída por Domingos Dias da Silva, no século dezoito, fora o centro de toda a vida da Província, com seu fausto, sua grandeza, sua imponência. A cidade crescera, praticamente, em torno dela, à sombra de seu poder incontrastável. Com suas paredes enormes, de um metro de largura, erguia-se imponente, dominando tudo, testemunha da onipotência dos Dias da Silva, cujas imensas charqueadas eram uma inesgotável fonte de outro. Domingos Dias exportava seus produtos diretamente para Lisboa e Porto, ou para o resto do Brasil, em navios próprios.

Seu filho, Simplicio Dias, segundo Senhor da "Casa-Grande", era possuidor de centenas de escravos, proprietário de um império de fazendas e amigo pessoal do Imperador. Em seu tempo, a "Casa Grande" fora o centro da conspiração da Independência, no Piauí, e abrigava os emissários das Províncias vizinhas, que vinham confabular com o poderoso senhor da vila São João da [Barra do] Parnaíba.

Quando, em 1824, o cientista inglês George Garner visitou Parnaíba, ficou surpreendido com o fausto e o requinte com que foi recebido pelos Dias da Silva. Na festa que lhe foi oferecida, uma orquestra xx composta de escravos tocava músicas clássicas.

Filho natural, sendo legitimado por provisão real, nasceu Simplício Dias a 2 de março de 1773. Sua mãe, que era mestiça, chamava-se Claudina Josefa.

Entrando, aos 20 anos, por morte do ~~xx~~ pai, na posse ~~x~~ d[a] avultada fortuna [da família,] deixou seu irmão Raimundo encarregado da administração dos seis estabelecimentos de xarque explorados anteriormente por Domingos Dias da Silva e seguiu ~~x~~ para a Europa com o fim de instruir-se. ~~e educar-se. Abdias Neves, historiador piauiense registra que~~ Simplício esteve [se] alguns anos na França, quando ainda eram muito vivas impressões dos sucessos de 1793. Passou, depois, à Inglaterra, Itália, Espanha e Portugal, regressando com hábitos de luxo e dissipação, que o fizeram afamado em todo o país.

Seu irmão faleceu moço, figura inexpressiva, contrastando com o seu temperamento dominador e expansivo. Único possuidor de cabedais imensos, servido por 1.800 escravos, Simplício Dias reformou o palácio solarengo, onde passou a residir levando uma existência nababesca, em torno da qual se criaram lendas fabulosas.

Data desta época o esplêndido nicho, trabalho português em pedra de Dioz, colocado na quina da Casa-Grande, onde se abriga a imagem de Cristo, um dos mais preciosos nichos do gênero existentes no país.

Quando o Brasil se desligou de Portugal, maior ainda se tornou o prestígio da Casa-Grande. E o poder de Simplício Dias passou a não ter limites. Sua fortuna, comenta-se ainda hoje, era tão grande que Simplício Dias quis pavimentar sua sala de audiências com moedas de ouro, não o tendo feito porque continham a efígie do Imperador.

Próximo à Casa-Grande, erguia-se a Igreja Matriz, construídas pelos Dias da Silva e a ela ligada por uma galeria. E, ao seu redor, começou a crescer São João [da Barra do] da Parnaíba. ~~Os séculos passaram~~ [Um século passou-se]. Os Dias da Silva viram, gradativamente, declinar seu poder. ~~Outras fortunas surgiram e os coronéis dividiram, entre si, a força que a fidalga família enfeixava em suas mãos.~~ Mas a Casa-Grande continuou [,] como um atestado de sua grandeza passada, dominando a paisagem da cidade.

Hoje, na Casa-Grande, funcionam escritórios, alfaiatarias, casas comerciais. Nas salas, outrora majestosas, onde os escravos curvavam-se beijando o

chão, para receber as ordens de seu senhor, curvam-se os empregados do comércio e os sapateiros sobre suas bancas de trabalho. E, onde repercutiam os passos dos Dias da Silva, ouvem-se as pancadas da máquina de escrever, ou [d]o martelo do remendão.

Mas não morreram, na lembrança do povo, as lendas de sua grandeza e seu poder. Os descendentes dos escravos ainda murmuram com respeito e temor o nome de Simplício Dias. E o povo acredita nos tesouros enterrados, que se escondem sob as paredes gigantescas do sobradão da Casa-Grande.

[3.] A CASA ING[L]EZA

O solar dos Dias da Silva alcançou o auge de seu poder em 1824, quando Simplicio Dias, vitoriosa a Guerra da Independência, de que foi um dos principais líderes do Piauí, tornou-se amigo dileto do Imperador. Agora, um século depois, o marco arquitetônico e social da cidade era a Casa Ingleza, dos **xxxxxxxxx** Castelo Branco Clark.

Como a Casa Grande representara o apogeu da economia baseada na criação de gado e na exportação de xarque, a Casa Ingleza representava o apogeu da economia baseada na indústria extrativa e na exportação de carnaúba e babaçu.

À boa maneira lusitana, o andar térreo **xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx** do sobradão era ocupado pela casa comercial, a Casa Ingleza, que se tornou uma das principais firmas exportadoras do Piauí e do Nordeste. Os andares superiores, com mirante, varandões e móveis importados da Austrália e da Inglaterra, eram a parte nobre, a residência da família.

Sua construção data de 1814, mas só começa a haver registro de sua história quando, em 1854, foi adquirido pelo inglês Robert Brockhurst, de **xxx** seu então proprietário, o Major Eleutério Antonio Soares Braga.

Robert Brockhurst, por sua vez, vendeu o sobradão a Paul Robert Singlehurst, fundador da Casa Ingleza, e que os parnaibanos logo batisaram de “o velho Paul Inglês”.

Em 1869 o jovem James Frederick Clark de apenas 14 anos de idade, veio de Liverpool trabalhar com Singlehurst. E, quando este morreu, em 1898, assumiu a direção da firma, terminando por adquiri-la, em 1903.

James foi, de certo modo, o grande impulsionador da nova economia, baseada na indústria extrativa. Foi ele quem, pela primeira vez, em fins do século passado, enviou amostras de **xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx** cera para a Inglaterra, dando início a um ciclo áureo da carnaúba, que se tornou o novo sustentáculo da economia do Estado.

Os rebanhos de Piauí, dizimados pela guerra de Fidié e Balaiada, haviam reduzido à pobreza os coronéis-fazendeiros, criadores de gado, e destruído a poderosa indústria do xarque dos Dias a Silva.

Com a iniciativa do jovem James, a economia do Estado iria se deslocar para as exportações de produtos primários (?). Ao lado da cera, viria o babaçu, o jaborandi, o tucum e outros produtos ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ [equatoriais]. E os coronéis-fazendeiros, relegando o gado e a indústria de xarque e de laticínios a um segundo plano, voltar-se-iam para a indústria extrativa abastecendo de mercadoria os grandes exportadores, - James Frederick Clarck, Marc Jacob, Narciso Machado, Carvalho, & [irmãos] Carvalho, Morais Correia.

James terminou por se integrar no novo país, desposando dona Ana (Madá) Gonçalves Castelo Branco, moça fidalga, educada no Sacred Heart School, de Roehampton, nos arredores de Londres. De seu casamento brasileiro teve quatro filhos, já nesta época figuras ilustres na vida do país: o diplomata Frederico Clark Castelo Branco, representante do Brasil na Sociedade das Nações e, mais tarde, embaixador em Londres e no Vaticano; o médico Oscar Castelo Branco Clark, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; o empresário Septimus Castelo Branco Clark, que herdara a direção da Casa Inglesa e dos negócios da família; e o engenheiro Antonio Castelo Branco Clark. Das duas filhas, Florie casou com o engenheiro Miguel Furtado Bacelar e Marie, fina memorialista da família, com Celso Moura Neves, misto de intelectual e homem de negócios.

Em 1920, o velho James, já esclerosado percorria ~~do sobrado era~~ [e] a residência da família

~~Sua construção foi iniciada em 1814, pelo inglês Paul Singlehirst, que depois regressou a sua pátria, passando seus negócios a seu empregado de confiança, o jovem James Frederick Clark.~~

~~James casou-se com a brasileira dona Ana Gonçalves Castelo Branco, dando origem a uma família numerosa, de 16 filhos, entre os quais alguns [já eram nesta época] se tornaram figuras ilustres na vida do país: como o diplomata Frederico Clark Castelo Branco, [mais tarde] que foi embaixador do Brasil em Londres, o médico Oscar Castelo Branco Clark, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o empresário Septimus Castelo Branco Clark [que viria a] herdou a direção da Casa Inglesa e dos negócios da família; [Em 1924 o]~~

~~Em minha infância conheci ainda o velho James, já esclerosado, que percorria as ruas da cidade todos os dias, em regulares passeios matinais, com seu~~

acompanhante Zezé Leone, um pobre homem inexpressivo e feio, que ganhou por isto o irônico apelido da Marta Rocha da época.

A esposa do velho James, ~~dona Ana~~ [dona Ana], ~~que não sei porque razão era conhecida por dona Mada~~, [dona Madá] era uma mulher [alta] esguia, de ar aristocrático, sempre vestida de negro, espartilhada, com gola alta cóbrindo-lhe o longo pescoço. Parecia a figura de um antigo camafeu.

Septimus, o novo patriarca da família, herdara o porte e a postura de dona Madá, e a tez do velho James. Era ~~uma curiosa versão inglesa dos Castelo Branco~~: a um tempo um aristocrata luso-brasileiro e um esquire britânico. Fleugmático, empertigado, solene, não gostava de aparecer em público. Raramente era visto em um baile do Cassino, ou em uma reunião familiar.

Bonito, elegante, imposing, onde chegava era recebido com o silêncio e o respeito reservados aos gran-senhores.

A Casa Ingleza[,] dos Castelo Branco Clark e a Casa-Grande[,] dos Dias da Silva, representa[vam] assim duas épocas diferentes da história Parnaibana. A Casa Grande, como centro de um império agro-pastoril, cujo chefe encarnava inconstastavel poder político. A Casa Ingleza, como centro comercial e exportador, cujos filhos se distinguiram na diplomacia, na ciencia, na vida empzezarial.

[4.] A COLUNA E O CANGAÇO

Quando Teodoro chegou a Parnaiba, a cidade vivia dias a um tempo de expectativa, medo e esperança.

A Coluna Prestes vinha de invadir o Piaui, ~~população~~. ~~A Coluna vinha~~ precedida de uma legenda de heroísmo, de sacrifícios, de feitos impossíveis. Prestes, Juarez Tavora, Siqueira Campos, Djalma Dutra, João Alberto, Cordeiro de Faria, Moreira Lima [eram] os novos cavalheiros andantes, misteriosos, super-homens, desaparecendo nas selvas, ou na caatinga, realizando façanhas incomparáveis.

Contava[~~ms~~] e casos, escaramuças, batalhas, em que os rebeldes venciam sempre forças ~~xxxxxxxxxxxxxx~~ incalculáveis, graças à malícia e ao gênio de seu Chefe, ou aos poderes sobrenaturais da feiticeira Tia Maria, que dansava nua diante das metralhadoras inimigas, ao som da flauta mágica do feiticeiro Coronel Favorino, confundindo e desnorteando os adversários.

Os inimigos a Coluna falavam de crueldade, de violências, de ~~desfloramentos~~ [estupros], de assassínios. Criavam o pânico e a insegurança.

Ao mesmo tempo, falava-se de Lampião, das forças do bandoleiro, contratado pelo governo para combater a Coluna, juntamente com as forças legalistas federais, as tropas do exército, os jagunços, os volantes da polícia.

E o velho medo do cangaço, que sempre rondara o Piauí, ganhou de repente realidade. Os romances dos cantadores populares, repetidos de boca em boca, lembravam as proezas do bandoleiro, levando o pânico aos coronéis, às mães de família e às donzelas:

~~Entra em fogo... (copiar Mario de Andrade, "O Baile das 4 Artes, páginas 94, 98, 105)~~

"Entra em fogo e não se queima
Pega corisco **m** com a mão
Vidro ralado é pra ele
Um excelente pirão
Só bebe sangue de gente
Mata qualquer inocente
Sem raiva nem precisão.["]

["]Os bens dos ricos pertencem
A quem os puder furtar,
Portanto é feliz aquele
Que rouba até enricar,
Serás ladrão e homicida
Pois só deixarás com vida
O que não puderes matar.["]

.....

["]Dos sertões de Pernambuco
Lampeão já se apossou
Ali vinte fazendeiros
No mês de abril assaltou
Perseguindo as moças belas
De mais de vinte donzelas
A honra prejudicou.["]

.....

["]Lampeão traz assombrado
Desde o rico a populaça
Vale dez anos de seca

No lugar por onde passa
Sendo casada ou donzela
Lampeão derrota ela
O mundo fica/em desgraça.["]

Lampeão era uma ameaça permanente. Como Prestes, ele era herói e libertador para uns, bandido e fascinora para outros. Como Prestes, sua imagem era uma confusa mistura de bravura e crueldade, de cavalheirismo e esperteza, de generosidade e traição. Era o Anti-Cristo, o demônio incarnado, o satanaz, o imundo, de corpo fechado, **xxx** de oração forte, invulnerável às balas do inimigo, o libertário.

~~Parnaíba viv[ia] horas tensas e agitadas.~~ Quando se confirmou que a Coluna penetrara no Estado e marchava sobre Terezina, famílias fugiam das cidades ameaçadas para se refugiarem em suas fazendas. Eram chegados os dias do Apocalipse. **Tia [D.]Celeste, D. Gracinha, D. Quetinha, D. Quinoca [Yaya], D. Nicota, e eu [D. Lavinia] [e] [ou]tras** devotas, organizavam terços, novenas, rosários. As irmandades, as confrarias, as ordens religiosas, saíam em procissões, com seus hábitos, suas opas, **os [seus]** andores.

Outros, ao contrário, preparavam-se para receber os rebeldes como heróis e salvadores, em manifestações festivas.

A Divisão Revolucionária, composta de unidades de infantaria, cavalaria e engenharia do Exército e da Polícia de São Paulo, e de guerrilheiros gaúchos, apossada pelas forças governistas do sul e por tropas oriundas do Pará, invadira[m] o Piauí e o Maranhão, descendo o vale do Parnaíba e ocupando grande parte da região meridional desses Estados.

No Piauí, **elas dominaram [ou]** desde [J]aicós, Picos, Oeiras, São Raimundo Nonato, Amarante, Floriano, até p[ô]r cerco a Terezina, a capital do Estado, onde entrara[m] em escaramuças e choques com tropas do Exército e da Polícia piauiense.

Num desses encontros de patrulhas, foi aprisionado o então capitão Juarez Tavora, que foi recolhido ao quartel do 25° BC de Terezina. Sua prisão só aumentou a inquietação da população, convicta de que a Coluna tentaria um desesperado assalto à Capital para libertar um dos seus mais famosos heróis.

Por interferência do próprio Juarez o ataque não se verificou. Os revolucionários abandonaram o cerco e marcharam rumo ao Ceará e o sertão do Nordeste.

Juarez foi transportado para São Luiz, em trem especial, com aparatosa escolta militar, ante o receio de uma emboscada de seus companheiros[,] e daí enviado finalmente para o Quarter[!] General do Exército, no Rio de Janeiro.

~~Em 1930, vitoriosa a Revolução, Juarez voltaria ao Piauí como herói nacional e Vice-Rei do Nordeste.~~

~~Prestes seria por muito tempo um dos meus heróis míticos.~~

X X X

Teodoro já ouvira falar em Lampião. Tropeiros que passavam pela Areia Branca davam notícias das guerras do cangaço em Paraíba e Pernambuco. Mas [Pr]estes era um nome estranho para ele.

Indiferente às tensões da cidade, seu pequeno ~~xxxxx~~ mundo continuava a girar em torno do rio, das memórias de amargura, e das saudades de Piedade e Siá Ana.

1. O VENDEDOR DE ÁGUA

XXIII

TEODORO, agora, era senhor de Parnaíba. Conhecia a cidade de cima para baixo, em todos os seus segredos, em tôdas as suas peculiaridades. Já não tinha medo do trem de ferro, quando passava bufando, pela rua Grande, fazendo a cidade tremer, **[Nota B] Pag. 127 – nem do ostromóve do seu Zeca Correia, um Ford Bigode preto, conversível, com seus olhos de fogo, abrindo nas trevas clarões enormes. nem dos ostromoves, com seus olhos de fogo, abrindo nas trevas clarões enormes. Agora entre os moleques de sua turma, era o primeiro a trepar na traseira dos caminhões em disparada, “pegando frade” sem o chofer ver.** E não sentia mais aquela angústia dos primeiros tempos, quando parava seu jumento nas portas dos palacetes e gritava lá para dentro, com seu pregão peculiar, que os fregueses já conheciam:

– Comprá água?!

Pé de Puba fôra seu introdutor na nova vida. Haviã feito um arranjo que recebera a aprovação de dona Quinoca, mãe do Pé de Puba. Teodoro usaria as pipas do companheiro, dormiria na casa dêle e pagaria, de aluguel, pelas duas coisas, cinco mil réis por mês. A palhoça de dona Quinoca, na Coroa, tinha uma saleta de entrada, onde ela dormia e dois pequenos quartos, ambos com porta para a saleta e sem janelas. Num dos quartos dormiam os três filhos

(*) 1. A Cidade

2. A Casa Grande

3. A Cada Ingleza

4. A Coluna e o Cangaço

[127]



RENATO CASTELO BRANCO

“Quartel General”, gafieira tradicional no beco da Farmácia Parnaibana, onde a mocidade ia dançar com as “mulheres da vida” e encher-se de cachaça e “doença do mundo”. Horceno esquivou-se aos convites. A princípio conseguiu apresentar desculpas aceitáveis, mas, com o tempo, os companheiros começaram a ressentir-se de suas sucessivas recusas, e chegaram à conclusão de que êle não ia ao “Q. G.” porque era afeminado, “um macho-fêmea”. Logo alguém descobriu que Horceno jamais tivera uma doença venérea. E a descoberta trouxera a sentença final – “homem que nunca teve doença do mundo, não é macho”.

Com a chegada de Abedias, Horceno procurou encontrar, nêle, um companheiro para seu isolamento. E, em vez de irem para a Praça da Matriz, iam jogar bilhar no “Cassino”, ou ouvir música na casa de Horceno que trouxera, com a barata Ford, uma boa vitrola e uma valiosa discoteca.[Nota C] Pag. 180 –(xxx) Ficavam os dois ouvindo xxxxxxxx os sucessos musicais da Broadway ou comentando os ultimos livros de Jorge Amado e Ze Lins do Rego. Numa dessas tertúlias, Horceno segredou a Abedias a história de seus amores com a loura Peggy Sanders, dançarina de Radio City, que o chamava ternamente de seu latin lover, ou seu Rodolfo Valentino. No começo fora uma aventura inconsequente, mas, com o tempo, tornara-se um romance sério, com juras de amor eterno. Mas quando o Cel Damasceno soube da história ameaçou de cortar a mesada do filho, caso não regressasse solteiro. Ele é que não queria ter uma nora extranja e netos agringalhados.

Dona Genoveva tinha restrições àquela amizade, pois Horceno nunca ia à missa aos domingos e sua irmã, a Damatência, fora expulsa da igreja, certa ocasião, [por padre Roberto], por ter ido a uma novena com vestido de manga curta. Mas, afinal, pelo menos Horceno era de boa família, filho do coronel Damasceno e de dona Hortência, da Areia Branca. Era melhor que Abedias o tivesse como amigo do que a gente da laia de Teodoro.

Mas a rapaziada de Parnaíba não era da mesma

[180]



TEODORO BICANCA

opinião. E, quando Abedias e Horceno passavam, [Nota D] Pag 181 – na baratinha Ford, ou a pé, rumo ao “Cassinho”, comentavam entre si: “lá vão os *canoinhas*”.

Os comentários da rapaziada, porém, não chegavam a afetar o prestígio de Abedias e Horceno, entre os coronéis, que viam nêles “moços formados, bons partidos para suas filhas”. Não freqüentarem o “Q.G.” era, até para as mães de família, um bom sinal. E, embora causasse desagrado o fato de ambos preferirem passear de automóvel pelos arredores bucólicos, numa desfeita a Parnaíba, como se na cidade não houvesse nada para se ver, se a barata de Horceno cruzava as ruas nos domingos, as moças casadouras corriam pressurosas para a janela, ao ouvirem o som da buzina.

A Joaquina, filha do coronel Carvalho, então, era infalível. Chegavam a dizer que ela punha um moleque no portão de casa o dia todo, vigiando, para avisá-la quando apontasse, lá no fim da rua, a barata do doutor Horceno. Não se sabia ao certo qual dos dois era o preferido de Joaquina. E Doloriza resolvera o problema sentenciando que “para aquela isso não fazia diferença – tudo o que caísse na rêde era peixe”. Mas a dúvida cedo se desfez, quando o coronel Carvalho, por intermédio de Tenório, mandara convidar o doutor Abedias para advogado de sua firma.

[181]



[4. (aqui entra novo capitulo: “A Farmacia do Dr. Genesis”) (no envelope)]

[5. O SERENO E O BAILE]

XXX

○ BAILE do “Cassino”, o clube de elite da cidade, era o objeto de todas as palestras daquele dia.

- Você vai ao baile hoje?, era a pergunta que se faziam os conhecidos ao se encontrarem na rua.

E a resposta era quase infalível:

- Ora se!

As moças retocavam seus vestidos, alteravam-lhe o aspecto para parecerem novos, faziam penteados, faziam planos, antegozavam as delícias da festa.

Os rapazes reclamavam as lavadeiras os ternos brancos [de linho 120] bem engomados. E o povo preparava-se para o grande “tribunal” do sereno, a transbordante assistência que contemplava da rua, pelas janelas do clube, os pares

rodopiando. Antes da festa começar, já a rua Grande, digo – rua doutor Getúlio Vargas, estava apinhada de gente, esperando a entrada dos que iam para o baile. Alguns levavam até cadeiras, para treparem em cima e poderem ver melhor, ou para descansarem, de intervalo a intervalo. Havia, às vezes, mais gente no “sereno” do que no próprio baile. E de lá se irradiavam os comentários que, no dia seguinte, corriam a cidade de boca em boca. Sabiam-se as moças que estavam de vestido novo, quem o havia feito, quantos metros de tecido levava o vestido,

[183]



[4.] A FARMACIA DO DR; GENESIO

Abedias e Horceno passaram a ser assunto até nas rodas da Farmacia Parnaibana, de Dr. Genesio, onde aos domingos de manhã, depois da missa, se reuniam os intelectuais da cidade. Os jovens poetas Vicente Araujo, Armando Madeira Basto e Renato Castelo Branco, assíduos colaboradores do “Clarim” e do “Atheneu”, propunham-se convidar Abedias para membro do Cenáculo Parnaibano da Letras. Dr. Genesio desejava pedir ao Dr. Horceno que dedicasse uma manhã cada semana a dar consultas grátis aos pobres, em sua Farmacia. E seu Castelo, guarda-livros da “Casa Ingleza”, por solidariedade ao seu companheiro e amigo Tenório, da casa Carvalho, & Carvalho [e irmãos], fazia questão de salientar a fidalga ascendência de Dr. Abedias Monteiro, família tradicionalmente amiga da sua, desde os tempos em que seu tetravó, o coronel Hermenegildo Monteiro, caçara índios nas margens do Poti, na companhia de João do Rego Castelo Branco.

X X X

Dr. Genesio era uma tradição em Parnaíba, tanto quanto o rio, a Praça da Graça, a Igreja Matriz ou a Casa Grande dos Dias da Silva. Impossível pensar em Parnaíba sem pensar em Dr. Genesio, com sua simplicidade, sua prosa divertida, seu coração generoso e sua contagiante risada em xxxxxx “staccato”. Conversar com ele era o mesmo que conversar com a própria cidade: sua maneira de falar, suas expressões, seu riso, sua afabilidade, sua sabedoria, tudo nele era espelho da alma de Parnaíba.

Vivendo ali, na sua tradicional Farmácia Parnaibana, por onde desdilatavam diariamente, para as queixas, as lamúrias e os gostosos “bate-papos”, representantes de todas as camadas da população, dr. Genesio era uma corda eternamente afinada com a alma coletiva. De seu posto ele se achava em contacto com o riso e o sofrimento, o lavrador e o comerciante, a cunha e o coronel, o estudante e o intelectual.

E seu espírito receptivo, sensível, com uma maravilhosa caixa de sons, ia recolhendo todas as vibrações e sentimentos, que encarnava depois em si mesmo.

Dia após dia ali estava ele em seu posto, a calça caque, o paletó de alpaca, para um lado e para o outro, as réguas rangendo, distribuindo, aos que chegavam, remédios, conselhos, piadas, pastilhas e seu impagável riso em “staccato”. Passava o velho Fausto Basto, imponente e bondoso, para pedir algo para sua eterna dispepsia. O Faustino Barros, batendo o cachimbo nos balcões, para reencher de fumo. Dona Nicota, [Biluca] com [s]u suas tensões. O rosto cheio de rugas prematuras, tantas e tão profundas que não seria possível contar, o passo largo e mole, a cabeça grande, o coração maior ainda, dr. Genesisio ia acalmando os mais apressados (“Um minutinho, meu nego”...) e atendendo xxxxx tudo e a todos; as palpitações da Joana Pinto, o antraz de Padre Roberto, a loucura do velho Lolô, - aviando as receitas de dr. Joca, Dr. Mirocles, dr. Candido e dr. Ormeu.

Nos domingos de manhã, aí se reuniam os doutores, os professores, os jornalistas, a inteligência da cidade, para discutir política, literatura ou religião.

Eram longas e descontraídas reuniões, em que pontificava o Dr. Zé Pires, intelectual e humanista, homem de surpreendente cultura, cujos interesses iam da pedagogia à política, das ciências jurídicas à literatura, da história e da geografia à filosofia, à teologia, às ciências naturais. E de tudo ele falava com um brilho e uma paixão comoventes. Era um grande “causeur”. Discorria, com o mesmo talento, sobre Goethe, Darwin ou Napoleão, sobre o Império Romano ou a Revolução Francesa, sobre os enciclopedistas, os iluministas, a Renascença, ou os filósofos gregos.

Quando dr. Zé Pires falava os interlocutores se calavam respeitosamente para ouvir: Até o dr. Edison Cunha e o dr. José Euclides, intelectuais eles próprios, quedavam fascinados ouvindo as dissertações de dr. Zé Pires.

X X X

Outro freqüentador assíduo das reuniões domingueiras da Farmácia Parnaibana era o Alfredo Amstein, professor polivalente do Ginásio Parnaibano. Sua cadeira era matemática. Mas ele xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx era pau pra toda obra: ao contrário dos outros professores (farmacêuticos, médicos, advogados) entre os quais tinha sido recrutado o corpo docente, Amstein se dedicava exclusivamente ao ginásio. Substituía praticamente qualquer professor, em qualquer matéria. Quem quer que faltasse Amstein atuava em seu lugar. E não fazia muita diferença, pois em todas as cadeiras era igualmente confuso e improvisador.

Em suas aulas, como queria o poeta, a escola era risonha e francada. Amstein não tinha energia e os alunos, como bons representantes da espécie humana, abusavam de sua fraqueza.

A personalidade de Amstein era um contraste chocante com seu físico. Alto, cabelos e barba ruivos, parecia **xxx** a figura central da “[R]onda Noturna”, de Rembrandt. Suas histórias geralmente episódios de sua vida, eram ricas, férteis, cheias de pitoresco e de surpresas. Sentia-se que refletiam a verdade. Mas não apenas a verdade. A parte verdadeira as tornava plausíveis. Mas todos sentiam que estavam sendo mistificados, que acrescentava fatos, acontecimentos, detalhes imaginários.

Amstein chegara a Parnaíba de maneira misteriosa, dizendo-se engenheiro, suíço e professor de matemática. Aceito como professor do Ginásio, rapidamente se incorporou à vida da cidade.

Um de seus temas favoritos era Sete Cidades, misteriosas ruínas localizadas no município de Piracuruca, perto de Parnaíba.

Um seu patrício, o etnógrafo Ludwig Shwanhagen, que percorria o Norte do Brasil em busca de traços de civilizações Pre-colombianas, lançou a tese de que Sete Cidades eram as ruínas de uma cidade fenícia, séde de um grande Imperio colonial fenício, instalado no Brasil mil e quinhentos anos antes de Cristo (?)

Amstein deixara-se empolgar pela tese de seu conterrâneo, sobre a qual fazia longas dissertações, sem deixar de acrescentar que fora amigo de infância de Schwanhagen, na Suíça.

Os mais imaginativos apoiavam as teses de Schwanhagen. Mas a maioria descri[a], tanto das ruínas [f]enicias quanto da amizade de infância de Amstein.

Dr. Jose Euclides, homem conhecido por sua o[b]jetiva sensatez, preferia acreditar que as chamadas ruínas fenicias eram apenas caprichosas formações de rochas erodadas através de muitos milhões de anos.

8. O SINDICATO

~~XXXV~~

PARNAÍBA estava agitada. Um verdadeiro *frisson* empolgara a cidade. Em tôdas as rodas, em todos os lares, nas mesas dos botequins, nos grupos da Praça da Matriz, no cais do pôrto, no Centro, na Coroa, só se falava na notícia sensacional. Nada causara tão grande e universal abalo à população de Parnaíba – nem a fuga da Marieta do seu Chiquinho com o palhaço do circo, nem o descaramento da Nicota fumando um cigarro no bar do “Cassino”, nem a depravação do Sigismundo Marreiro

cuja criada difundia aos quatro cantos da cidade que tomava banho junto com a espôsa...nada daquilo se comparava ao verdadeiro frêmito que provocara o dr. Abedias, com sua herética idéia de fundar o Sindicato dos Vareiros e Estivadores do Rio Parnaíba.

[Nota E] (Incluir os textos seguintes, nas respectivas paginas:)

Pag. 195 – O país nessa época achava-se dividido em grupos políticos radicais, a exemplo da radicalização ideológica que se acentuava em todo o mundo. Esquerdistas e integralistas atacavam os liberais e atacavam-se entre si. E os ecos dessas disputas já haviam chegado até o Piauí.

A Aliança Nacional Libertadora, através de suas milhares de sedes **xxxx** locais instaladas em todo o país, conseguira mobilizar não somente esquerdistas e proletários, mas também amplos setores de liberais, tenentistas e membros da classe média, assustados com o crescimento do Integralismo e atraídos pelo fascínio de mito Luis Carlos Prestes e pela promessa do reformismo socio-econômico.

Como por encanto, difundiu-se rapidamente que Abedias, em Terezina, quando estudante, era considerado comunista. A Doloriza, filha do Quincas, anunciou logo que ouvira alguém dizer que o dr. Abedias havia se metido naquela história de proteger os “porcos d’água” porque se apaixonara pela filha de um vareiro, uma negra da Coroa, chamada Cândida. E o boato, depois de correr a cidade, chegou aos ouvidos de dona Genoveva já agravado: que

[195]



RENATO CASTELO BRANCO

tados que Piedade faria, se o visse liderando os companheiros, comandando os “porcos d’água”. Nestes momentos, sentia-se bravo como o nêgo de Siá Ana e, como êle, capaz de enfrentar todos os perigos.

[Nota F] Abedias ganhara, **xxxxxxxxxxxx** poucos dias antes, um livro de Horceno, “A Revolução dos Bichos”, de George Orwell, que continha na dedicatória, uma advertência. “Caro Abedias: Que não te façam os porcos d’água do rio Parnaíba, o que fizeram os porcos da Granja dos Bichos aos seus companheiros da revolução. Abraços do amigo Horceno”.

O livro contava a história imaginária de uma revolução promovida pelos animais da Granja dos Bichos, na Inglaterra. Bois, vacas, porcos, cachorros, galinhas, gansos, pombos, cavalos, reunidos, em nome da liberdade e da igualdade, rebelaram-se e expulsaram seu tirânico dono, Mr. Jones. No começo levaram uma vida fraternal.

Mas cedo os porcos, os intelectuais da bicharada, apoiados numa guarda de cães ferozes, manejando a intriga, a calúnia e a intimidação, foram tomando o poder até estabelecer a ditadura do porco Napoleão que, em nome dos Abeddias compreenderam o simbolismo de Orwells e sua intenção de retratar, através daquele munto fantasioso, o destino de tantas revoluções. xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx Mas achava que valia a pena o risco a que se expunha se ele trouxesse alguma melhoria nas condições de vida dos vareiros, embarcadiços e estivadores.

Animais trabalhadores e da igualdade, passou a governar com poderes absolutos sobre seus antigos companheiros.

Escreveu um bilhete a Horceno agradecendo:

“Caro Horceno: Percebo bem os pontos de identidade entre o Napoleão da Revolução dos Bichos, o Napoleão da Revolução Francesa e tantos outros Napoleões de que é rica a História. Mas, se cada um de nós fiser um pouco pela melhoria de vida de todos, não haverá lugar para as revoluções. Obrigado pelo livro e pela intensão. O seu, Abedias”.

◇ ◇ ◇

~~As previsões de Abedias, entretanto, tiveram efeito contrário~~

[11. O BOATO]

[(Nota G)]Pag. 210 – Ao contrário do que previa Abedias, a participação dos trabalhadores nos festejos do aniversário da cidade longe de conquistar a simpatia da população provocou uma reação violenta. Quando a cidade teve conhecimento daqueles treinos, uma ~~neva~~ onda de alarmes abalou a população. Afirmava-se que os vareiros e estivadores estavam fazendo exercícios militares, preparando-se para a revolução. E alguns coronéis trataram de mandar suas famílias para as fazendas, como medida de precaução.

O Sindicato voltou, assim, ao cartaz, com redobrado sensacionalismo. E os boatos agora assumiam caráter alarmista. Dizia-se que, na última reunião da Diretoria, haviam feito uma lista negra de tôdas as pessoas que deveriam ser enforcadas, uma vez vitoriosa a revolução que o Sindicato planejava, sob a orientação a Aliança Nacional Libertadora, do Rio de Janeiro. E que as filhas das famílias da sociedade seriam distribuídas entre os vareiros e estivadores. Que Abedias havia reservado para si a Joanhina e a Doloriza e havia dado carta branca a Teodoro e Zé Peinha para fazerem distribuição das demais moças da sociedade. Haviã, também, feito a

distribuição das melhores casas de Parnaíba, para serem habitadas, depois da vitória da revolução,

[210]



TEODORO BICANCA

pelos membros do Sindicato. E que as senhoras dos coronéis iriam ser as cozinheiras das respectivas residências.



Naquela noite, quando Abedias, numa reunião no armazém do coronel Binu, enumerou as diversas calúnias de que estavam sendo vítimas, Bôca de Sovaco aparteou, sob aplausos, que a idéia não era má. Abedias respondeu que tais idéias, além de impraticáveis, eram absurdas e que a finalidade do Sindicato era corrigir injustiças e não cometer outras. Mas quando, terminada a reunião, retirou-se com Teodoro e Zé Peinha, ia preocupado com o episódio. Receava que os boatos alarmistas que circulavam na cidade viessem a influir nos grupos mais desordeiros do Sindicato, lançando em seu espírito as sementes de sonhos fantásticos, que só poderiam desvirtuar suas finalidades e prejudicá-las. Abedias sentia a necessidade de discutir, de trocar idéias com alguém que o compreendesse. Mas receava as reações de Teodoro e Zé Peinha. Despediu-se dos companheiros e encaminhou-se para o centro, pensando no estranho rumo que os acontecimentos tomavam. A má fé de uns e o pânico de outros, começavam a criar reações com que ele não contara.

[Nota H] **Pag. 402 211.** Não podia deixar de lembrar-se da “Revolução dos Bichos e do porco Napoleão manobrando para alijar seu companheiro, o idealista Bola de Neve.

[211]



RENATO CASTELO BRANCO

brar a grandeza dos seus ascendentes. Depois de evocar Domingos e Simplício Dias, falou em Domingos Mafrense, o “Sertão”, ~~e Domingos Jorge~~ [Nota I] **Pag. 218.** em Francisco Dias de Avila, senhor da Casa da Torre e em Domingos Jorge Velho, os os

desbravadores do Piauí, terminando por uma evolução a Nossa Senhora da Graça, a padroeira da cidade:

– “No século dezoito, disse finalizando sua oração, numa tarde alegre e cheia de luz, ocorreu o mais empolgante espetáculo da vida parnaibana: a entrada triunfal de uma Santa, deslumbrante de flores, para abençoar e conduzir, pela vida afora, a nossa terra e a nossa gente. E nunca mais Nossa Senhora da Graça deixou Parnaíba, amando-a nas suas alegrias e nas suas dores, purificando-lhe a alma, dando-lhe felicidade e resignação. E nunca mais Parnaíba deixou de entregar, contrita e satisfeita, a Nossa Senhora da Graça, para que os revestisse de amor e de luz, o próprio pensamento, a própria aspiração e a própria vida”.

Às últimas palavras do professor Dias, aplausos eloqüentes fizeram-se ouvir, por entre vivas a Parnaíba, a “Invicta”, Princesa do Iguaçu, Cidade-Livre. E o desfile continuou, precedido pela “Municipal”.



13. PANICO E APOTEOSE

À tarde, quando o Sindicato dos Vareiros iniciou o seu desfile, o aspecto da cidade modificara-se por completo. Perdera o ar festivo e rumoroso, para se

[218]



RENATO CASTELO BRANCO

que não tinha habilidade para dirigir. E essa força, mal governada, resultaria num perigo e num retardamento dos seus próprios ideais. Pensava às vezes em abandonar o Sindicato, mas logo compreendia que era tarde para isto e que, se o fizesse, os operários cairiam sob a influência completa do Bôca de Sovaco.



12. PARNAÍBA VERMELHA

Os jornais do Rio, que Abedias assinava, traziam notícias alarmantes. Falava-se no fechamento da Aliança Nacional Libertadora e na votação, pelo Congresso, de

leis de emergência. Abedias não tinha dúvida: era a repressão que ia começar. E a repressão chegaria até Parnaíba. O Sindicato, identificado [Nota J] Pag. 224. O Jornal “O Clarim”, não se sabe como, reproduzira um artigo de Abedias, publicado anos antes, quando estudante, num jornal de Terezina, que causou grande sensação. Nele Abedias analisava o quadro socio-econômico do Piauí para concluir que xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx os coroneis proprietários da terra eram a classe dominante apenas em aparência. Os doutores eram seus aliados-dependentes. Os agregados eram seus servos seculares. Mas a eles se haviam super-posto os exportadores que, através dos financiamentos, controlavam a produção e a riqueza.

O artigo causara indignação, levantando protestos gerais.

O Sindicato, pensava Abedias, apreensivo ante o novo quadro, identificado pelos coronéis como um movimento comunista, seria dissolvido e ninguém poderia prever até onde iriam os acontecimentos. Estas idéias ele não podia compartilhar com ninguém, nem mesmo com Teodoro e Zé Peinha. Eles não poderiam compreender. Apenas Joanhina era sua confidente, a quem confiava seus receios e angústias. Mas mesmo esta confidente ele havia perdido. O coronel Carvalho, esgotadas as esperanças de afastá-la de Abedias, resolvera mandá-la para o Rio, para tirá-la daquele ambiente. Joanhina quisera recusar-se a ir. Mas Abedias aconselhara-a a obedecer o pai e fizera-a ver que não havia outra solução.

[224]



16. A REPRESSÃO

XL

AS SEMANAS que se seguiram foram de angústia e expectativa. O Prefeito recebera notícias de Terezina de que o reforço pedido já se achava a caminho de Parnaíba. A população exultava intimamente mas, ao mesmo tempo, receava que os vareiros aproveitassem para dar um golpe antes da chegada do reforço. Abedias sentia a aproximação do fim, mas não queria abandonar o Sindicato. Dividia seu tempo entre Teodoro, que lentamente se recuperava na Santa Casa, e os vareiros, aconselhando-os, procurando subtraí-los à influência de Bôca de Sovaco.

[Nota K] Pag. 227. Nos dias que se seguiram Abedias acompanhou, pelo rádio, as notícias da rebelião dos militares esquerdistas de Natal e Recife, seguidos no Rio

pelas tropas do 3º R. I., da Praia Vermelha, e pela Escola de Aviação do Campo dos Afonsos.

O povo de Parnaíba ainda não compreendera toda a extensão dos acontecimentos. Mas Abedias previa os fatos que se ~~Naquele dia ele recebera a notícia do fechamento da Aliança Nacional Libertadora. O povo de Parnaíba ainda não compreendera o significado da medida. Mas Abedias previa os acontecimentos que se~~ iam desenrolar. Convocou uma reunião do Sindicato e procurou explicar a situação. Mas Bôca de Sovaco, apoiado por Leôncio, fizera oposição ostensiva às suas idéias. Abedias quis alertá-los de que viria a repressão e que, tão cedo as autoridades do Estado recebessem instruções do Rio e o refôrço policial chegasse a Parnaíba, o Sindicato seria dissolvido e seus membros mais influentes seriam presos.

[227]



RENATO CASTELO BRANCO

Bôca de Sovaco e o Leôncio tinham sido apanhados quando tentavam fugir e tinham sido escoltados a Parnaíba, de volta, debaixo de surra de facão. Teodoro havia sido retirado da Santa Casa e estava também na cadeia.

Abedias mandou que Zé Peinha fugisse, que êle ia até o delegado, protestar contra os esbordoamentos e as violências praticadas contra Bôca de Sovaco e Leôncio. Seu Tenório não compreendeu. Ficou a olhá-lo quando se afastava, os olhos cheios d'água, a voz trêmula, murmurando:

– Meu filho... meu pobre filho...



Zé Peinha não quisera fugir, também. Acompanharia Teodoro e o doutor Abedias, para o que desse e viesse. A polícia detivera, assim, as figuras mais destacadas do movimento.

17. O EPÍLOGO

[NOTA L]

Pag. 232. Ao insucesso do movimento militar esquerdista seguiu-se uma impiedosa repressão policial, em que o Governo de Vargas aproveitou para livrar-se

não só das forças de esquerda, mas também de alguns líderes liberais reformistas, a exemplo de Pedro Ernesto.

Milhares de políticos, militares, intelectuais, estudantes e até mesmo congressistas, foram aprisionados como subversivos, ou meramente como suspeitos.

Os chefes do movimento, Cascardo, Sisson, Agildo Barata, e outros foram recolhidos ao navio-prisão Pedro I, com 400 outros revolucionários.

Alguns prisioneiros foram brutalmente torturados, como Harry Berger e sua mulher Elsa, Victor Allan Baron e Olga Benaro Prestes.

Os deputados Abguar Bastos, Domingos Velasco, João Mangabeira, Otavio da Silveira e o senador Abel Chermont foram espancados e recolhidos ao cárcere.

Dona Genoveva e seu Tenório...Dona Genoveva e seu Tenório, apesar de desprestigiados, encontravam piedade e complacência de alguns amigos importantes, no meio de sua desgraça. E haviam conseguido que fôsse proporcionadas certas regalias ao filho, enquanto vinham ordens de Terezina sobre o destino a ser dados aos prisioneiros. Afinal, Abedias era filho de boa família, um moço de sociedade, formado, não podia ficar prêso com aqueles vareiros *pifes*, uns *lheguelhés*. Mas Abedias recusou-se terminantemente a aceitar qualquer privilégio; exigiu que o deixassem na cadeia com os quatro companheiros.

[232]



Márcia Edlene Mauriz Lima
Curriculum Vitae

Novembro/2009

Márcia Edlene Mauriz Lima

Curriculum Vitae

Dados Pessoais

Nome Márcia Edlene Mauriz Lima
Nome em citações bibliográficas LIMA, Márcia Edlene Mauriz
Sexo feminino
Filiação Francisco das Chagas Lima e Adélia de Sousa Mauriz Lima
Nascimento 12/03/1966 - Oeiras/PI - Brasil
Carteira de Identidade 750128 SSP - PI - 19/06/1997
CPF 27411133353

Endereço residencial Rua Domingos Cordeiro, 1885
Horto Florestal - Teresina
64002-150, PI - Brasil
URL da home page: <http://>

Endereço profissional Universidade Estadual do Piauí
Rua João Cabral, S/N
Pirajá - Teresina
64002-150, PI - Brasil
Telefone: 86 2135195

URL da home page: <http://www.uespi.br>

Endereço eletrônico

e-mail para contato : maurizviana@click21.com.br
e-mail alternativo : maurizviana@yahoo.com.br

Formação Acadêmica/Titulação

- 2004 - 2009** Doutorado em Teoria da Literatura.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Porto Alegre, Brasil
Título: O inacabamento do acabado: a reescrita de Teodoro Bicanca, de Renato Castelo Branco, Ano de obtenção: 2009
Orientador: Alice Therezinha Campos Moreira
Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Palavras-chave: Castelo Branco. Acervo. Reescrita. Romance
Áreas do conhecimento : Teoria Literária
Setores de atividade : Educação superior
- 1998 - 2000** Mestrado em Mestrado em Pós Graduação em Letras.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Porto Alegre, Brasil
Título: A Vida e seus (In)Fiéis Espelhos: A Representação do Real na Obra Ulisses entre o Amor e a Morte, de O. G. Rego de Carvalho., Ano de obtenção: 2001
Orientador: Luiz Antônio de Assis Brasil e Silva
Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Palavras-chave: Representação, Costa Lima, Novela, Elementos Autorepresentativos, Discurso, Tempo
Áreas do conhecimento : Teoria Literária
Setores de atividade : Educação superior
- 1989 - 1993** Graduação em Letras Português.
Universidade Estadual do Piauí, UESPI, Teresina, Brasil
- 1997 - 1998** Aperfeiçoamento em Aperfeiçoamento Em Língua Portuguesa.
Secretaria da Educação, SEED, Brasil
-

Formação complementar

2002 - 2002	Curso de curta duração em A Redação do Vestibular. Universidade Estadual do Piauí, UESPI, Teresina, Brasil
2001 - 2001	Curso de curta duração em Atualização de Treinamento Em Serviço. Secretaria da Educação, SEED, Brasil

Atuação profissional

1. Faculdade Piauiense de Teresina - FAP-TERESINA

Vínculo institucional

2009 - Atual Vínculo: Celetista formal , Enquadramento funcional: Professor, Regime: Parcial

Atividades

- 2009 - 2009** Projetos de pesquisa, FUNPESQ
Participação em projetos:
A formação de novos contadores de histórias: uma contribuição sociocultural e educacional da FAP- Teresina
- 08/2009 - Atual** Graduação, Pedagogia
Disciplinas Ministradas:
Pesquisa I, II, VI e VIII
- 07/2009 - Atual** Pós-graduação, Linguística Aplicada ao Ens. de Língua Portuguesa
Disciplinas Ministradas:
Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa

2. Universidade Estadual do Piauí - UESPI

Vínculo institucional

- 2003 - Atual** Vínculo: Servidor público , Enquadramento funcional: Professor titular , Carga horária: 40, Regime: Integral
- 2002 - 2002** Vínculo: Professor Período Especial , Enquadramento funcional: Professor , Carga horária: 60, Regime: Integral
- 2002 - 2002** Vínculo: Professor Período Especial , Enquadramento funcional: Professor , Carga horária: 60, Regime: Integral
- 2002 - 2003** Vínculo: Professor Substituto , Enquadramento funcional: Professor Substituto , Carga horária: 40, Regime: Integral
- 2002 - 2002** Vínculo: Professor Período Especial , Enquadramento funcional: Professor , Carga horária: 60, Regime: Integral
- 2001 - 2001** Vínculo: Professor Período Especial , Enquadramento funcional: Professor , Carga horária: 60, Regime: Integral
- 2001 - 2001** Vínculo: Professor Período Especial , Enquadramento funcional: Professor , Carga horária: 60, Regime: Integral
- 2001 - 2001** Vínculo: Professor Período Especial , Enquadramento funcional: Professor , Carga horária: 60, Regime: Integral

Atividades

- 2009 - 2010** Projetos de pesquisa, Pró - Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação
Participação em projetos:
Catálogo do acervo digitalizado de Renato Castelo Branco , Catálogo do acervo de Fontes Ibiapina
- 04/2009 - Atual** Graduação, Letras-Português
Disciplinas Ministradas:
O Espaço Geográfico na narrativa , Iniciação à Leitura e Produção de Textos Acadêmicos
- 04/2003 - Atual** Graduação, Letras Português
Disciplinas Ministradas:
Literatura Brasileira I , Literatura Brasileira V , Teoria da Literatura I
- 07/2002 - 08/2002** Graduação, Letras Português
Disciplinas Ministradas:
Literatura Brasileira I
- 03/2002 - 03/2003** Graduação, Letras Português
Disciplinas Ministradas:
Literatura Brasileira , Teoria da Literatura
- 01/2002 - 02/2002** Graduação, Letras Português
Disciplinas Ministradas:
Teoria da Literatura III
- 08/2001 - 08/2001** Graduação, Letras Português
Disciplinas Ministradas:
Literatura Brasileira V
- 07/2001 - 08/2001** Graduação, Letras Português
Disciplinas Ministradas:
Literatura Infantil
- 02/2001 - 03/2001** Graduação, Letras Português
Disciplinas Ministradas:
Teoria da Literatura III
- 01/2000 - 02/2000** Graduação, Letras Português
Disciplinas Ministradas:
Teoria da Literatura II

Projetos

2009 - 2010 Catálogo do acervo digitalizado de Renato Castelo Branco

Descrição: Projeto de Iniciação Científica

Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (7);

Integrantes: Márcia Edlene Mauriz Lima (Responsável); ;

Financiador(es): UESPI-PIBIC/CNPQ

2009 - 2009 A formação de novos contadores de histórias: uma contribuição sociocultural e educacional da FAP- Teresina

Descrição: Projeto de Extensão

Situação: Em Andamento Natureza: Extensão

Alunos envolvidos: Graduação (18);

Integrantes: Márcia Edlene Mauriz Lima (Responsável); ; Adélia Maria Leal da Cruz; Maria Clisalda Vitória;

Márcia Evelin de Carvalho

Financiador(es): Fundação de Incentivo à Pesquisa-FUNPESQ

2009 - 2010 Catalogação do acervo de Fontes Ibiapina
Descrição: Projeto de Iniciação Científica
Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa
Alunos envolvidos: Graduação (7);
Integrantes: Márcia Edlene Mauriz Lima (Responsável); ;
Financiador(es): UESPI-PIBIC/CNPQ

Membro do corpo editorial

1. Revista FAP -

Vínculo

2007 - Atual Regime: Parcial

Áreas de atuação

1. Literatura Brasileira
2. Teoria Literária
3. Língua Portuguesa

Idiomas

Espanhol Escreve Razoavelmente
Francês Escreve Razoavelmente

Produção em C, T& A

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódicos

1. LIMA, Márcia Edlene Mauriz

Os elementos auto-representativos na novela Ulisses entre o amor e a morte, de O. G. Rego de Carvalho.
In: Geografias literárias - confrontos: o local e o nacional.. , p.33 - 56, 2003.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Trabalhos publicados em anais de eventos (completo)

1. LIMA, Márcia Edlene Mauriz

A biblioteca de Renato Castelo Branco: espaço da criação In: V Encontro de Pesquisa da FAP, 2009, Parnaíba_PI.

V Encontro de Pesquisa da FAP. , 2009. p.1 - 12

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital, Home page: [http://cd]

2. LIMA, Márcia Edlene Mauriz

O fazer literário e a prática da pesquisa In: IV Encontro de Linguística e Literatura e III Seminário Científico

de Letras da UESPI, 2009, Teresina.

IV Encontro de Linguística e Literatura e III Seminário Científico de letras., 2009. p.1 - 7

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital, Home page: [http://Cd]

3. LIMA, Márcia Edlene Mauriz

A descrição material da edição original de Teodoro Bicanca, de Renato Castelo Branco In: 9º Congresso Internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética, 2008, Espírito Santo.

Processo de Criação e Interações: Crítica Genética em Debate nas Artes, Ensino e Literatura., 2008.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

4. LIMA, Márcia Edlene Mauriz

A história do Movimento CLIP In: VII Seminário Internacional de História da Literatura: novos olhares, múltiplas perspectivas, 2007, Porto Alegre.

VII Seminário Internacional de História da Literatura: novos olhares, múltiplas perspectivas., 2007.

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

5. LIMA, Márcia Edlene Mauriz

A importância da ilustração em livros infantis como estratégia no desenvolvimento de leitura In: 13º Congresso de Leitura do Brasil - Com todas as letras, para todos os nomes, 2001, Campinas.

Com todas as letras, para todos os nomes. São Paulo: Record, 2001. v.I. p.122 - 123

Palavras-chave: Ilustração, Livros, Leitura

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira

Setores de atividade : Educação pré-escolar e fundamental

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

6. LIMA, Márcia Edlene Mauriz

A vida e seus (in)fiéis espelhos: A representação do real na obra Ulisses entre o amor e a morte de O. G. Rego de Carvalho In: 53ª Reunião anual da SBPC, 2001, Salvador.

53ª Reunião anual da SBPC., 2001.

Palavras-chave: Representação, Real, Ulisses, Mimese, Costa Lima, Carvalho

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira, Teoria Literária

Setores de atividade : Educação superior

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Apresentação de Trabalho

1. LIMA, Márcia Edlene Mauriz

A história do movimento CLIP, 2007. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: PUCRS; Cidade: Porto Alegre; Evento: VII Seminário Internacional de História da Literatura: Novos Olhares, Múltiplas Perspectivas.; Inst.promotora/financiadora: PUCRS

2. LIMA, Márcia Edlene Mauriz

A importância do regionalismo romântico e naturalista na prosa de ficção, 2005. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: PUCRS; Cidade: Porto Alegre; Evento: Semana de Letras da PUCRS; Inst.promotora/financiadora: PUCRS

3. LIMA, Márcia Edlene Mauriz

A literatura piauiense no universo acadêmico, 2004. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: UESPI; Cidade: Teresina; Evento: I Colóquio de Literatura Piauiense; Inst.promotora/financiadora: UESPI

4. LIMA, Márcia Edlene Mauriz

A representação do real na obra Ulisses entre o amor e a morte, 2003. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: UESPI; Cidade: Teresina; Evento: IV Simpósio de Produção Científica da UESPI / III Seminário de Iniciação Científica; Inst.promotora/financiadora: UESPI

5. LIMA, Márcia Edlene Mauriz

A vida e seus (in)fiéis espelhos: a representação do real na obra Ulisses entre o amor e a morte, 2002. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: UESPI; Cidade: Teresina; Evento: I Simpósio de Letras; Inst.promotora/financiadora: UESPI

6. LIMA, Márcia Edlene Mauriz

A vida e seus (in)fiéis espelhos: a representação do real em Ulisses entre o amor e a morte, 2002.

(Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: UFPI; Cidade: Teresina; Evento: Seminário de Dissertações do Mestrado Interinstitucional em Letras UFPI/pucrs; Inst.promotora/financiadora: UFPI

7. LIMA, Márcia Edlene Mauriz

Imaginação e realidade, 2002. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: UESPI; Cidade: Teresina; Evento: Seminário I; Inst.promotora/financiadora: UESPI

8. LIMA, Márcia Edlene Mauriz

Pesquisadores de documentos literários, 2009. (Congresso,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: UESPI; Cidade: Teresina; Evento: IV Encontro de Linguística e Literatura e III Seminário Científico de Letras da UESPI; Inst.promotora/financiadora: UESPI

9. LIMA, Márcia Edlene Mauriz

Sessão Coordenada da área de literatura, 2009. (Congresso,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: UESPI; Cidade: Teresina; Evento: IV Encontro de Linguística e Literatura e III Seminário Científico da UESPI; Inst.promotora/financiadora: UESPI

10. LIMA, Márcia Edlene Mauriz

Identidade e memória cultural, 2009. (Seminário,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: UESPI; Cidade: Teresina; Evento: II Seminário de Literatura Comparada; Inst.promotora/financiadora: UESPI

Produção Técnica

Trabalhos técnicos

1. LIMA, Márcia Edlene Mauriz

Oficina de Criação Literária Prosa e Poesia, 2008

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

2. LIMA, Márcia Edlene Mauriz

Projeto de Implantação do Curso de Licenciatura Plena em Letras -Português da FAP-Teresina, 2007

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Demais produções técnicas

1. LIMA, Márcia Edlene Mauriz

A formação do sistema literário piauiense, 2009. (Extensão, Curso de curta duração ministrado)

Referências adicionais : Brasil/Português. 6 horas.

2. LIMA, Márcia Edlene Mauriz

Leitura e Produção Textual, 2003. (Extensão, Curso de curta duração ministrado)

Referências adicionais : Brasil/Português. 20 horas.

Orientações e Supervisões

Orientações e Supervisões concluídas

Monografias de conclusão de curso de aperfeiçoamento/especialização

1. William Rubens Barbosa Viana. **O processo de desenvolvimento da leitura nas escolas públicas estaduais da região Mocambinho**. 2002. Monografia (Pós Graduação Lato Sensu Em Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Piauí

Palavras-chave: Leitura, Escola, Mocambinho

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira, Teoria Literária, Língua Portuguesa

Setores de atividade : Educação pré-escolar e fundamental

Referências adicionais : Brasil/Português.

Orientações e Supervisões em andamento

Trabalhos de conclusão de curso de graduação

1. Alinne Mayner do Porto Oliveira. **A utilização dos contos de fadas no segundo período da educação infantil.** 2009. Curso (Pedagogia) - Faculdade Piauiense de Teresina
Referências adicionais : Brasil/Português.
2. Sílvia dos Santos Nunes. **As dificuldades de leitura no primeiro ano da escola estadual Monsenhor Raimundo Nonato Melo.** 2009. Curso (Pedagogia) - Faculdade Piauiense de Teresina
Referências adicionais : Brasil/Português.
3. Vanda Oliveira da Silva. **O processo de decodificação da escrita na alfabetização.** 2009. Curso (Pedagogia) - Faculdade Piauiense de Teresina
Referências adicionais : Brasil/Português.

Eventos

Participação em eventos

1. **Jornadas Internacionais de Crítica Genética: Perspectivas**, 2008. (Outra)
.
2. Apresentação Oral no(a) **VII Seminário Internacional de História da Literatura: Novos Olhares, Múltiplas Perspectivas.**, 2007. (Seminário)
A história do Movimento CLIP.
3. **VI Seminário Internacional de História da Literatura**, 2005. (Seminário)
.
4. Apresentação Oral no(a) **I Colóquio de Literatura Piauiense**, 2004. (Outra)
A literatura piauiense no universo acadêmico.
5. Apresentação Oral no(a) **IV Simpósio de Produção Científica da UESPI / III Seminário de Iniciação Científica**, 2003. (Simpósio)
A representação do real na obra Ulisses entre o amor e a morte.
6. Apresentação Oral no(a) **I Simpósio de Letras**, 2002. (Simpósio)
A vida e seus (in)fiéis espelho: a representação do real na obra Ulisses entre o amor e a morte de O. G. Rêgo de Carvalho.
Palavras-chave: Simpósio, Letras, Dissertação
Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira, Teoria Literária, Língua Portuguesa
7. Apresentação Oral no(a) **Seminário de Dissertações do Mestrado Interinstitucional em Letras UFPI/PUCRS**, 2002. (Seminário)
A Vida e Seus (In)fiéis Espelhos: a representação do real em Ulisses entre o amor e a morte.
8. Apresentação Oral no(a) **Seminário I**, 2002. (Seminário)
Imaginação e realidade.
Palavras-chave: Imaginação, Realidade
Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira, Teoria Literária, Língua Portuguesa
9. Apresentação de Poster / Painel no(a) **53ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC**, 2001. (Congresso)
A vida e seus (in) fiéis espelhos: a representação do real na obra ulisses entre o amor e a morte, de O. G. Rego de Carvalho.
Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira, Teoria Literária, Língua Portuguesa

Bancas

Participação em banca de trabalhos de conclusão

Curso de aperfeiçoamento/especialização

1. LIMA, Márcia Edlene Mauriz, SILVA, R. C. M.

Participação em banca de William Rubens Barbosa Viana. **O processo de desenvolvimento da leitura nas escolas públicas estaduais da região Mocambinho, 2002**

(Pós Graduação Lato Sensu Em Língua Portuguesa) Universidade Estadual do Piauí

Palavras-chave: Especialização, Monografia, Leitura

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira, Teoria Literária, Língua Portuguesa

Referências adicionais : Brasil/Português.

Participação em banca de comissões julgadoras

Concurso público

1. **Concurso para Professor Efetivo da FAP-Teresina, 2008**

Faculdade Piauiense de Teresina

Referências adicionais : Brasil/Português.

Outra

1. **Processo de correção das redações do vestibular 2003 - Regime Especial, 2003**

Universidade Estadual do Piauí

Áreas do conhecimento : Literatura Brasileira, Teoria Literária, Língua Portuguesa

Referências adicionais : Brasil/Português.

Totais de produção

Produção bibliográfica

Artigos completos publicado em periódico.....	1
Trabalhos publicados em anais de eventos.....	6
Apresentações de Trabalhos (Comunicação).....	7
Apresentações de Trabalhos (Congresso).....	2
Apresentações de Trabalhos (Seminário).....	1

Produção Técnica

Trabalhos técnicos (elaboração de projeto).....	2
Curso de curta duração ministrado (extensão).....	2

Orientações

Orientação concluída (monografia de conclusão de curso de aperfeiçoamento/especialização).....	1
Orientação em andamento (trabalho de conclusão de curso de graduação).....	3

Eventos

Participações em eventos (congresso).....	1
Participações em eventos (seminário).....	4
Participações em eventos (simpósio).....	2
Participações em eventos (outra).....	2
Participação em banca de trabalhos de conclusão (curso de aperfeiçoamento/especialização).....	1
Participação em banca de comissões julgadoras (concurso público).....	1
Participação em banca de comissões julgadoras (outra).....	1